

ARYÊCHA ARRUDA DA SILVA

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DA FAMÍLIA ASTERACEAE EM CAMOCIM DE SÃO
FÉLIX, PERNAMBUCO**

RECIFE

2012

ARYÊCHA ARRUDA DA SILVA

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DA FAMÍLIA ASTERACEAE EM CAMOCIM DE SÃO
FÉLIX, PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Biologia Vegetal da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Laise de Holanda Cavalcanti Andrade

Área de concentração:

Florística e Sistemática

Linha de Pesquisa:

Etnobotânica e Botânica Aplicada

RECIFE
2012

Catálogo na Fonte

Elaine Barroso

CRB 1728

Silva, Aryêcha Arruda

**Estudo etnobotânico da família Asteraceae em Camocim de São Félix,
Pernambuco/ Aryêcha Arruda Silva– Recife: O Autor, 2012.**

96 folhas : il., fig., tab.

Orientadora: Laise de Holanda Cavalcanti Andrade

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco,
Centro de Ciências Biológicas, Biologia Vegetal, 2012.**

Inclui bibliografia e anexo

**1. Asteraceae 2. Etnobotânica 3. Pernambuco I. Andrade, Laise de
Holanda Cavalcanti (orientadora) II. Título**

583.99

CDD (22.ed.)

UFPE/CCB- 2012- 228

ARYÊCHA ARRUDA DA SILVA

**“ESTUDO ETNOBOTÂNICO DA FAMÍLIA
ASTERACEAE EM CAMOCIM DE SÃO FÉLIX,
PERNAMBUCO”**

BANCA EXAMINADORA :

Dra. Laíse de Holanda Cavalcanti Andrade – (Orientadora) – UFPE

Dra. Roseli Farias Melo Barros - UFPI

Dra. Suzene Izídio da Silva– UFRPE

Recife- PE
2012

A minha família e aos meus amigos, em especial aos meus pais, parte fundamental da minha vida,

Dedico

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me deu forças nesta caminhada, sem o qual tudo seria impossível.

A minha família, meus pais (Almir Manoel e Alvany Arruda), irmão (Aramys Arruda), avós (Luiza Arruda e Ivonete Dionízio), pelo apoio e incentivo proporcionados durante toda minha caminhada até aqui.

Ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal (UFPE), todos os professores e funcionários, pela oportunidade e por todos os ensinamentos proporcionados nestes dois anos de curso.

A Prof.^a Dr.^a Laise de Holanda Cavalcanti Andrade, pela orientação e todo o conhecimento repassado, essenciais para o bom desempenho profissional.

Aos amigos que fizeram parte destes anos (Manuella Pamella, Suellen de Oliveira, Taciana Mattos, José Welton, Gildson Matias, Amanda Felinto); mesmo ausentes vocês fizeram toda diferença, até mesmo na distância.

A equipe do Laboratório de Etnobotânica e Botânica Aplicada (LEBA - UFPE), em especial às amigas Laís Costa e Raquel Barbosa, pela ajuda, amizade, e por todos os momentos compartilhados; saibam que vocês fizeram toda a diferença nesses dois anos.

Aos colegas do LABMIX-UFPE (Leandro Agra e Nylber da Silva), pela ajuda e companheirismo.

Aos colegas do mestrado: apesar das dificuldades conseguimos, terminamos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

A todos que apoiaram, incentivaram e ajudaram, mesmo que indiretamente, muito obrigada, vocês contribuíram para que esta jornada se concluísse.

“Dê-me, Senhor, agudeza para entender, capacidade para reter, método e faculdade para aprender, sutileza para interpretar, graça e abundância para falar. Dê-me, Senhor, acerto ao começar, direção ao progredir e perfeição ao concluir.”

(São Tomás de Aquino)

LISTA DE FIGURAS

Capítulo 1

- Figura 1:** Curva de acumulação de espécies, mostrando o universo amostral em função da diversidade de espécies..... 35
- Figura 2:** Categorias de uso encontradas no estudo etnobotânico realizado em quatro comunidades rurais de Camocim de São Félix, Microrregião do Brejo pernambucano, Nordeste do Brasil..... 37
- Figura 3:** Famílias mais representativas no estudo etnobotânico realizado em quatro comunidades rurais de Camocim de São Félix, Microrregião do Brejo pernambucano, Nordeste do Brasil..... 38
- Figura 4:** Número de espécies citadas por entrevistado no estudo etnobotânico realizado em quatro comunidades rurais de Camocim de São Félix, Microrregião do Brejo pernambucano, Nordeste do Brasil..... 40

Capítulo 2

- Figura 1:** Nível de escolaridade dos entrevistados do estudo etnobotânico realizado em quatro comunidades rurais de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil..... 68
- Figura 2:** Renda familiar dos entrevistados do estudo etnobotânico realizado em quatro comunidades rurais do município de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil..... 69
- Figura 3:** Dez espécies da família Asteraceae reconhecidas pelos moradores de Camocim de São Félix como úteis. **A.** *Acanthospermum hispidum* DC.; **B.** *Acmella uliginosa* (Sw.) Cass.; **C.** *Baccharis cinerea* DC.; **D.** *Bidens pilosa* L.; **E.** *Conocliniopsis prasiifolia* (DC.) R.M. King & H. Rob.; **F.** *Conyza bonariensis* (L.) Cronquist; **G.** *Eclipta prostrata* (L.) L.; **H.** *Emilia sonchifolia* (L.) DC.; **I.** *Parthenium hysterophorus* L.; **J.** *Sonchus oleraceus* L..... 70

LISTA DE TABELAS

Capítulo 1

- Tabela 1:** Caracterização e significado cultural (ISC) das espécies utilizadas pelas comunidades de Camocim de São Félix por família botânica, nome vernacular e categoria de uso (MED – Medicinal, ALI – Alimentícia, ORN – Ornamental, TEC – Tecnológica, TOX – Tóxica, MIS – Mística, ART – Artesanato, REP – Repelente, ARO – Aromática)..... 49
- Tabela 2:** Concordância do conhecimento dos entrevistados sobre as plantas pela população rural de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil, indicadas para tratamento de transtornos de diferentes sistemas corporais. Siglas de acordo com o Código Internacional de Doenças (CID-10). 2010..... 56
- Tabela 3:** Caracterização, importância relativa (IR) e consenso de uso (UC_s) das espécies medicinais citadas pelos moradores rurais de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil..... 57

Capítulo 2

- Tabela 1.** Espécies de Asteraceae citadas como úteis pelos habitantes de quatro comunidades rurais de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil. Categorias de uso: MED- Medicinal; ORN- Ornamental; TEC- Tecnológica; ART- Artesanato; ALI- Alimentícia. Número de citações, indicação terapêutica, parte da planta utilizada e forma de uso..... 87

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1. Etnobotânica.....	12
2.2. A Etnobotânica em comunidades rurais.....	13
2.3. As Asteraceae e a Etnobotânica.....	16
3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
Capítulo 1 - Levantamento etnobotânico em comunidades rurais de Camocim de São Félix, Pernambuco, nordeste do Brasil.....	30
Resumo.....	31
Abstract.....	31
1. Introdução.....	32
2. Metodologia.....	33
3. Resultados e Discussão.....	36
4. Agradecimentos.....	45
5. Referências Bibliográficas.....	45
6. Tabelas.....	49
Capítulo 2 - Utilização de espécies de Asteraceae por comunidades rurais nordestinas: usos relatados em Camocim de São Felix, Pernambuco.....	63
Resumo.....	64
Abstract.....	64
1. Introdução.....	65
2. Metodologia.....	66
3. Resultados e Discussão.....	68
4. Agradecimentos.....	79
5 Referências Bibliográficas.....	79
6 Tabelas.....	87
CONCLUSÕES.....	88
RESUMO.....	89
ABSTRACT.....	90
ANEXO.....	91

1. INTRODUÇÃO

A família Asteraceae é considerada a maior dentro das eudicotiledôneas, por possuir entre 24.000 e 30.000 espécies, pertencentes a 1.600 – 1.700 gêneros (Bremer 1994; Souza & Lorenzi 2008). Muitas espécies são consideradas cosmopolitas, podendo ser encontradas em quase todos os tipos de habitats, sendo mais abundantes em formações campestres e montanhosas e menos frequentes em formações florestais (Barroso *et al.* 1991; Cronquist 1981).

No Brasil, estima-se que se encontram estabelecidos em todo o território nacional cerca de 300 gêneros e 2.000 espécies (Nakajima *et al.* 2012). No estado de Pernambuco as Asteraceae apresentam ampla dispersão, com a ocorrência de aproximadamente 66 gêneros e 101 espécies (Forzza *et al.* 2010; Pereira 1989).

Apresentam hábito variado, embora predomine o herbáceo, espécies desta família podem apresentar-se como subarbustos, arbustos, pequenas árvores ou lianas. As folhas são alternas ou opostas, raramente verticiladas, simples, sem estípulas, de margem inteira ou serrada. A inflorescência é do tipo capítulo, o qual é envolvido por brácteas que formam um involúcro e as flores inserem-se num receptáculo geralmente discóide. As flores de um capítulo podem ser de um só tipo ou diferenciadas em flores do raio e flores do disco; as primeiras são, em geral, altamente modificadas, podendo ser unissexuadas ou estéreis e possuir corola hipertrofiada, enquanto as flores do disco são bissexuadas ou raramente unissexuadas. O fruto é do tipo cipsela, com papilho geralmente persistente, auxiliando a dispersão (Souza & Lorenzi 2008).

Nas listas de espécies resultantes de estudos etnobotânicos desenvolvidos em diferentes ambientes vegetacionais, algumas famílias de angiospermas são quase onipresentes, como Asteraceae, Fabaceae e Lamiaceae, destacando-se principalmente dentre as de uso medicinal. Estes estudos demonstram que, se comparadas com outras grandes famílias de plantas, como as Fabaceae, as Asteraceae tem menor valor econômico, porém incluem uma quantidade de espécies úteis para o homem, desde diversos pontos de vista. O uso de muitas delas tem ajudado no progresso e sustento de grande número de povos em todo o mundo, satisfazendo principalmente suas necessidades de alimento, forragem e remédios (Vitto & Petenatti 2009).

A Etnobotânica visa resgatar, analisar e documentar a relação entre as populações e as plantas ao longo do tempo e como são utilizados na atualidade os recursos vegetais. A comunidade científica mundial aceita hoje que o conhecimento popular pode fornecer informações essenciais para as pesquisas acadêmicas reduzindo, por exemplo, os esforços de bioprospecção ao utilizar como base os conhecimentos sobre as propriedades terapêuticas das plantas, fornecidos por uma comunidade tradicional. Como aponta Albuquerque (2010), a conexão entre as informações fornecidas pela Fitoquímica, Ecologia e Etnobotânica é possível e mesmo desejável.

Considerando que cerca de 90% das Asteraceae registradas em Pernambuco ocorrem no Bioma Caatinga, algumas delas endêmicas (Forzza *et al.* 2010; Pereira 1989), pesquisou-se o conhecimento etnobotânico compartilhado por moradores do município de Camocim de São Félix, situado no agreste pernambucano, com especial atenção para espécies desta família, particularmente no que se refere ao uso medicinal.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A Etnobotânica

As plantas exercem um papel importante na sobrevivência das comunidades humanas desde os seus primórdios, sendo utilizadas de diversas formas, principalmente como alimentícias, medicinais, ornamentais, místico/religiosas, madeireiras ou para confecção de artesanatos, sendo o conhecimento sobre a utilização dos recursos vegetais transmitido, de pai para filho, desde as antigas civilizações até os dias atuais (Diegues 1996; Guarim-Neto *et al.* 2000; Torres *et al.* 2009).

A Etnobotânica envolve o estudo da relação entre as comunidades humanas e os recursos vegetais, incluindo o conhecimento referente ao passado até a atualidade (Fonseca-Kruel & Peixoto 2004). Ela estuda o conhecimento popular que o homem possui sobre os recursos vegetais do seu meio, e este conhecimento pode estar limitado, em determinadas pessoas ou lugares, a um número restrito de plantas conhecidas (Martins *et al.* 2005). É através dela que se mostra o perfil de uma comunidade e seus usos em relação às plantas, pois cada comunidade tem seus costumes e peculiaridades. Além disso, ela tem como característica básica a relação direta com populações tradicionais e busca conquistar a confiança destas, através da aproximação e participação no dia-a-dia das mesmas, registrando todo o conhecimento que estas comunidades possuam em relação às espécies botânicas úteis (Rodrigues & Carvalho 2001). A partir dos estudos etnobotânicos verificou-se que um bom conhecimento sobre o uso das plantas muitas vezes é a única solução acessível para diversas populações rurais amenizarem as adversidades de seu cotidiano, principalmente em países em desenvolvimento (Pasa *et al.* 2005).

As plantas medicinais geralmente predominam em resultados de pesquisas etnobotânicas, pois muitas comunidades possuem uma ampla lista de espécies utilizadas em sua farmacopéia, oriundas da flora nativa ou cultivadas em lugares de fácil acesso (Amorozo 2002; Pasa *et al.* 2005).

É importante conhecer a relação homem/natureza para combinar o saber científico com o saber local, visando contribuir com o planejamento de estratégias de desenvolvimento. O conhecimento tradicional adicionado ao conhecimento científico pode fornecer uma melhoria no uso dos recursos vegetais (Albuquerque & Andrade 2002a). Uma pesquisa sobre

as relações das comunidades com a flora local pode fornecer métodos que diminuam o uso excessivo de determinadas espécies, especialmente quando constatado que diferentes espécies recebem indicações terapêuticas semelhantes (Albuquerque & Andrade 2002b).

O Brasil vem despertando o interesse da comunidade científica internacional para a pesquisa e uso racional de seus recursos, por sua rica biodiversidade (Souza & Felfili 2006). Conhecer as possibilidades de usos, locais de aquisição e as partes das plantas utilizadas é muito importante para a conservação das espécies nativas popularmente utilizadas como medicinais. A forma de uso dos vegetais difere de acordo com as tradições ou região, e está relacionada a estas tradições, demonstrando a importância que as comunidades dedicam às espécies vegetais (Gomes *et al.* 2008).

No Nordeste do Brasil ainda se faz uso constante de plantas medicinais, nas áreas urbanas e rurais (Mosca & Loiola 2009). Segundo Albuquerque (2010), em regiões semiáridas como a caatinga nordestina, o uso de uma planta medicinal na construção de determinada farmacopeia não é só determinado pela percepção da sua eficácia, da sua disponibilidade e da sua acessibilidade, mas também pela ideia de segurança que o recurso será sempre temporalmente disponível. Segundo o mesmo autor, são necessários mais estudos para testar se esses padrões podem ser generalizados, seja para outras comunidades que habitam a caatinga seja para as que habitam outras regiões semiáridas do mundo.

Sendo uma ciência relativamente recente, a Etnobotânica ainda se encontra com um corpo teórico em desenvolvimento, bem como um programa metodológico unificado. Ela se faz necessária em países como o Brasil, com uma grande biodiversidade, que necessitam de uma legislação que proteja seu conhecimento tradicional e patrimônio genético, permitindo o desenvolvimento da pesquisa científica, além de facilitar o acesso do pesquisador às comunidades tradicionais, detentoras do conhecimento popular (Oliveira *et al.* 2009).

2.2. A Etnobotânica em comunidades rurais

Estudos etnobotânicos são realizados em comunidades rurais de diversas áreas do Brasil, e até mesmo em diferentes países, como o estudo realizado por Nappo *et al.* (2003) em pequenas e médias propriedades rurais do extremo Nordeste do Estado de Goiás, para avaliar

a utilização dos recursos florestais madeiros e não-madeiros, onde levantaram 73 espécies, das quais a maioria foi indicada como medicinal.

Gonzalés & Morales (2004) estudaram as plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Chubut, Patagônia-Argentina, onde foram levantadas 56 espécies em 28 famílias botânicas, e as famílias mais representativas foram Asteraceae (14 spp.) e Lamiaceae (5 spp).

Pinto *et al.* (2006) levantaram o conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais, localizadas em uma Área de Proteção Ambiental, mata atlântica em Itacaré – BA, constatou-se que estas comunidades têm usado plantas medicinais que vem permitindo a auto-suficiência da população rural em relação aos cuidados com a saúde e foram coletadas 98 espécies pertencentes 40 famílias, dentre as quais Lamiaceae (12 spp.) foi a mais citada, seguida por Verbenaceae, Asteraceae e Rutaceae (seis spp. cada) estando a maioria destas espécies (78%) sendo cultivadas, comumente nos quintais, pelos próprios moradores.

Amaral & Guarim (2007) em um estudo Etnobotânico da Comunidade Rural de Cascavel, Jangada-MT, relacionaram 111 espécies vegetais, pertencentes a 48 famílias botânicas, no qual a família Asteraceae foi a mais representativa, possuindo 11% das espécies citadas, Lamiaceae 5%, seguidas por Arecaceae, Bignoniaceae, Fabaceae, Lamiaceae, Mimosaceae, Myrtaceae e Rubiaceae, que apresentaram 4% do total das espécies citadas, sendo estas espécies botânicas citadas pelos moradores da para diversas finalidades, tais como: uso medicinal (57%), alimentação (18%), madeira (8%), artesanato (5%), mística (2%), repelente de insetos (4%), ornamental (1%) e outros (5%), predominando a etnocategoria medicinal (57%).

Negrelle & Fornazzari (2007) fizeram um estudo etnobotânico em duas comunidades rurais etnicamente distintas, Limeira e Ribeirão Grande, em Guaratuba – PA, para identificar plantas utilizadas na terapêutica popular; na comunidade de Limeira foram citadas 81 espécies medicinais e em Ribeirão Grande foram citadas 54 espécies medicinais e detectou-se 44,4% de similaridade entre as listas de plantas das duas comunidades, indicando diferenças significativas no conhecimento relacionado a plantas medicinais pelas comunidades.

Santos *et al.* (2008) levantaram o uso popular de plantas medicinais, na comunidade rural da Vargem Grande, Município de Natividade da Serra – SP, para as doenças de maior ocorrência na região, que foram citados pela prevalência de casos e também sugeridos para a pesquisa, pelos profissionais de saúde, sendo eles: hipertensão, diabetes, má digestão e problemas urinários, além dos problemas de “lesões de pele”, incluídos por ser entendido como sendo de alta prioridade para a comunidade estudada e foram encontradas ao todo 118 espécies de plantas medicinais distribuídas em 49 famílias botânicas, sendo as principais Asteraceae (20 spp.), Solanaceae (9 spp.), Lamiaceae (8 spp.), Poaceae (4 spp.) e Rubiaceae (4 spp.).

Magalhães *et al.* (2009) fizeram o levantamento etnobotânico na Comunidade Rural Sapucaia em Santo Antônio de Jesus, Recôncavo da Bahia – BA, e verificaram a ocorrência de 50 exemplares vegetais de uso medicinal, distribuídas em 39 espécies e 18 famílias, destas as três mais representativas foram Lamiaceae e Asteraceae (9 spp. cada) e Amaranthaceae (3 spp.).

Silva *et al.* (2009) estudaram as plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí, Indaial – SC e coletaram e identificaram 61 espécies de plantas, pertencentes a 35 famílias, onde as mais citadas foram: Asteraceae (12 spp.), Lamiaceae (seis spp.) e Liliaceae, Rutaceae e Zingiberaceae (três spp. cada); sendo 72,72% das plantas utilizadas pela comunidades cultivadas nos quintais.

Almeida *et al.* (2010) fizeram uma comparação do conhecimento sobre plantas medicinais por três comunidades rurais da região semiárida do nordeste do Brasil, onde foram identificadas, nas três comunidades estudadas, 98 espécies medicinais (51 exóticas e 48 nativas), distribuídas em 45 famílias, destas as mais importantes foram Euphorbiaceae (8 spp.), Lamiaceae (7 spp.), mostrando a importância de espécies exóticas na região.

Barrella *et al.* (2010) fizeram o levantamento etnobotânico do uso popular de plantas medicinais por comunidades rurais atendidas pela Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF), em Jundiáquara, Araçoiaba da Serra – SP, e verificaram a ocorrência de cerca de 30 plantas citadas, distribuídas em 16 famílias botânicas, das quais as mais representativas foram: Lamiaceae (6 spp.), Asteraceae (5 spp.) e Verbenaceae (4 spp.), onde a maioria dos

entrevistados faz uso de fitoterápicos, obtendo entre pacientes mais velhos e/ou residentes de áreas distantes do posto de saúde a faixa da população que mais utiliza ervas medicinais.

Muiño (2010) realizaram um estudo etnobotânico da pecuária em comunidades rurais na região ocidental dos Pampas Argentinos, as plantas foram classificadas em categorias de acordo com seus usos: forragem (53 spp.), tóxicas ou de efeitos adversos em animais (seis spp.), uso em construção rural e ferramentas para o gado (15 spp.) e para aplicações veterinárias (10 spp.), mostrando o nível de percepção e conhecimento das plantas encontradas no ambiente pelas comunidades rurais pesquisadas em relação a principal atividade econômica da localidade.

Oliveira *et al.* (2010) estudaram as plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras – PI, onde as 167 etnoespécies citadas foram agrupadas em 17 categorias de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) e distribuídas em 59 famílias botânicas, sendo 65,86% nativas, e as famílias com maior representatividade em número de espécies foram a Leguminosae (28 spp.) e a Euphorbiaceae (18 spp.), porém, além do uso medicinal, as espécies também foram citadas em mais doze categorias de uso (alimentação, artesanal, forrageira, higiene/limpeza, madeireira, melífera, tóxica, ornamental, produção de energia, utensílios, mágico-religiosa e veterinária), demonstrando a diversidade do conhecimento sobre a vegetação a região.

2.3. As Asteraceae e a Etnobotânica

As Asteraceae possuem um grande número de espécies úteis, porém elas têm um menor valor econômico quando comparadas com outras famílias, como Poaceae e Fabaceae; apesar disso, seu uso popular vem ajudando no sustento de pessoas em todo mundo, seja como alimento, forragem, lenha ou remédios (Vitto & Petenatti 2009).

Importantes alimentos são originados a partir das Asteraceae, como é o caso da alface (*Lactuca sativa* L.), do girassol (*Helianthus annuus* L.), da chicória, do almeirão e da escarola (*Cichorium intybus* L.) e da alcachofra (*Cynara scolymus* L.) (Souza & Lorenzi 2008).

Muitas espécies de Asteraceae são também cultivadas como ornamentais, podendo ser destacadas a margarida (*Leucanthemum vulgare* Lam.), os crisântemos (*Chrysanthemum*

spp.), a dália (*Dahlia x hybrida*), a gazânia (*Gazania rigens* (L.) Gaertn.), e a zínia (*Zinnia elegans* Jacq.) (Souza & Lorenzi 2008).

Quase uma centena de espécies da família são conhecidas como plantas daninhas, como *Acanthospermum australe* (Loefl.) Kuntze, *Bidens pilosa* L., *Centratherum punctatum* Cass., *Elephantopus mollis* Kunth, *Mikania cordifolia* (L. f.) Willd., *Sonchus oleraceus* L. e *Tridax procumbens* L. (Lorenzi 2008), porém muitas delas tem uso na medicina tradicional de várias culturas.

Dentre as Asteraceae incluem-se também plantas medicinais, destacando-se entre as mais conhecidas as carquejas (*Baccharis* spp.), a camomila (*Chamomilla recutita* (L.) Rauschert.), os guacos (*Mikania* spp.), a estévia (*Stevia rebaudiana* (Bertoni) Bertoni) e a mil-folhas (*Achillea millefolium* L.) (Lorenzi & Matos 2008; Souza & Lorenzi 2008). Elas são utilizadas tradicionalmente para diversas indicações terapêuticas, tais como: *Chionolaena latifolia* (Benth.) Baker e *Solidago chilensis* Meyen para traumatismos ocasionados por pancadas; *Trichocline macrocephala* Less. e *Bidens pilosa* L., para pneumonia; *Mikania glomerata* Spreng., para bronquite; *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC., para problemas no estômago ou gripe e *Baccharis trimera* (Less.) DC., para problemas intestinais (Souza & Felfili 2006). Vários remédios são extraídos de espécies de *Arnica*, *Calendula* e *Echinacea* e espécies de *Mikania* são utilizadas como remédios para picada de cobra (Pruski & Sancho 2004).

Dentre os usos relatados para as Asteraceae os relacionados com o aproveitamento de sua madeira são mais raros, devido ao hábito predominantemente herbáceo da família. O arbusto conhecido principalmente na região Sul do Brasil como espinho-de-Santo-Antônio, cujo nome científico é *Dasyphyllum spinescens* (Less.) Cabrera, fornece madeira de boa qualidade para combustível, embora seja geralmente desprezado por causa de seus espinhos, que podem causar ferimentos (Pio-Correa 1926-1952).

De distribuição cosmopolita, as Asteraceae encontram-se bem representadas no Brasil, onde ocorrem aproximadamente 300 gêneros e 2.000 espécies (Nakajima *et al.* 2012), muitas delas citadas nos estudos etnobotânicos realizados em diferentes regiões do país, abrangendo todos os usos populares.

Na região Nordeste, Moreira *et al.* (2002) elaboraram uma lista das plantas utilizadas como medicinais pela população da Vila Cachoeira, em Ilhéus – BA; foram registradas 84 espécies, distribuídas em 74 gêneros e 44 famílias, onde as mais expressivas no levantamento foram Lamiaceae, com 11 espécies e Asteraceae, com oito espécies. Em Itacaré, litoral baiano, Pinto *et al.* (2006) realizaram estudo etnobotânico das espécies utilizadas para fins medicinais por comunidades rurais de Mata Atlântica estabelecidas nos municípios de Marambaia e Camboinha; foram apresentados 105 diferentes nomes populares atribuídos a 98 espécies, pertencentes a 40 famílias, sendo que Lamiaceae (12 spp.), Verbenaceae, Asteraceae e Rutaceae (6 spp. cada), representaram juntas 30,6% do total. Teixeira & Melo (2006), em Jupi – PE, levantaram 106 espécies em 50 famílias, onde estas duas famílias também se destacaram, com 11 e 8 espécies, respectivamente.

Monteles & Pinheiro (2007) levantaram os recursos vegetais de uso local relacionados às práticas terapêuticas do Quilombo Sangrador, no município de Presidente Juscelino - MA, onde foram registradas 121 espécies, pertencentes a 101 gêneros e 56 famílias botânicas, das quais Lamiaceae está representada por 14 espécies, seguida de Rutaceae (8), Asteraceae (6), Leguminosae (6) e Euphorbiaceae (5). Magalhães *et al.* (2009), ao pesquisarem as espécies medicinais utilizadas pela comunidade de Sapucaia, Santo Antônio de Jesus – BA, obtiveram um total de 39 espécies, 30 gêneros e 18 famílias, onde Lamiaceae e Asteraceae foram as mais numerosas, com nove espécies cada. Dentre as 78 espécies vegetais, distribuídas em 43 famílias, utilizadas em rituais de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna (BA), Asteraceae foi a mais representativa, com nove espécies, seguida das Lamiaceae (7 spp.), Fabaceae e Myrtaceae, com quatro espécies cada (Pires *et al.* 2009).

Ainda no Nordeste, em estudo feito na comunidade de Carão, em Altinho, PE, se levantou 79 espécies úteis, distribuídas em 28 famílias, as Asteraceae encontravam-se dentre as três mais representativas, com oito espécies (Santos *et al.* 2009). No município litorâneo de São Miguel do Gostoso - RN, foram levantadas 102 espécies úteis para a comunidade, pertencentes a 30 famílias, as Asteraceae, com 10 espécies, também se destacaram entre as mais representativas, superada apenas pelas Fabaceae, com 25 espécies (Loiola *et al.* 2010). Silva *et al.* (2010) identificaram as plantas espontâneas do Complexo Aluizio Campos, Campina Grande –PB, com efeitos fitoterápicos, apontando 36 táxons, distribuídos em 21 famílias, das quais Asteraceae apresentou o maior número de espécies (9), seguida por Euphorbiaceae (4).

Na Região Sudeste, Castellucci *et al.* (2000) desenvolveram um estudo junto aos moradores da Estação Ecológica de Jataí, situada no município paulistano de Luis Antônio, sobre o conhecimento e uso de plantas com propriedades medicinais; observaram a ocorrência de 120 espécies indicadas para 50 usos terapêuticos, distribuídas em 53 famílias, sendo Asteraceae (13), Lamiaceae (9) e Solanaceae (8) as mais representativas. Medeiros *et al.* (2004) levantaram, junto aos sítios da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba – RJ, 25 famílias, 34 gêneros e 36 espécies, seis delas pertencentes às Asteraceae. No mesmo estado, na Reserva Biológica de Poço das Antas, em Silva Jardim, Christo *et al.* (2006) obtiveram 549 citações de uso para 210 espécies, pertencentes a 74 famílias, destacando-se Asteraceae e Leguminosae, com 20 espécies cada.

Santos *et al.* (2008a), em pesquisa desenvolvida na comunidade rural da Vargem Grande, em Natividade da Serra – SP, verificaram o uso popular de plantas medicinais utilizadas para as doenças de maior ocorrência na região; foram encontradas ao todo 118 espécies, distribuídas em 49 famílias botânicas, sendo as principais Asteraceae (20), Solanaceae (9), Lamiaceae (8), Poaceae e Rubiaceae (4 cada). Em Minas Gerais, Almeida *et al.* (2009) verificaram o conhecimento que os moradores da cidade de Viçosa possuem a respeito das plantas medicinais e constataram que dentre as 30 famílias botânicas, Asteraceae contribuiu com maior número de espécies (20,83 %), seguida por Lamiaceae (14,58 %). Christo *et al.* (2010) obtiveram um total de 96 espécies e 44 famílias cultivadas no Horto medicinal de Casimiro de Abreu – RJ, onde Asteraceae era a família melhor representada, com 17 espécies. Miranda *et al.* (2011) elencaram 154 espécies, agrupadas em 66 famílias, utilizadas por comunidades da Ilha do Cardoso - SP, das quais se destacaram Myrtaceae e Asteraceae, com 19 espécies cada.

No Centro-Oeste do Brasil, Amaral & Guarim (2007) levantaram 111 espécies vegetais, abrangendo 48 famílias, utilizadas para diversas finalidades por comunidades do município de Jangada - MT, no qual a família Asteraceae teve 11% do total das espécies citadas. Viu *et al.* (2007) estudaram o conhecimento sobre o uso de plantas medicinais no município de Jataí - GO, onde entrevistaram 150 moradores sendo identificadas 68 espécies, pertencentes a 39 famílias botânicas, onde se destacaram as famílias Asteraceae (24%), Lamiaceae (18%) e Fabaceae (14%).

Pasa *et al.* (2008) estudaram o conhecimento sobre a flora local pelos moradores rurais do Parque Ecológico João Basso, em Rondonópolis - MT, onde encontraram nos quintais da Fazenda Verde 98 espécies úteis para a comunidade, distribuídas em 50 famílias, das quais Asteraceae alcançou o maior índice de frequência de uso, com oito citações. No Mato Grosso do Sul, Pereira *et al.* (2009) levantaram as plantas utilizadas como medicinais por moradores do Bairro Jardim Aeroporto, em Ponta Porã, onde identificaram 30 espécies medicinais, distribuídas em 17 famílias; destas, as que apresentaram o maior número de espécies foram Lamiaceae (7), Asteraceae (4) e Leguminosae (4).

No Norte, Lima & Santos (2006) levantaram as espécies utilizadas medicinalmente em Buritis – RO, com o objetivo de resgatar o conhecimento tradicional, e identificaram 62 espécies, distribuídas em 36 famílias botânicas, das quais as mais representativas foram Lamiaceae (9) e Asteraceae (8). Ainda em Rondônia, Santos *et al.* (2008b) relataram o uso de plantas medicinais em Ariquemes, onde foram coletadas 77 espécimes, sendo identificadas 63 espécies, distribuídas em 38 famílias botânicas, das quais as mais representativas em número de espécies foram Asteraceae (8 spp.), Lamiaceae (7 spp.) e Leguminosae (4 spp.), enquanto as demais tiveram apenas uma ou duas espécies mencionadas.

No estado do Amazonas, Scudeller *et al.* (2009) realizaram o estudo etnobotânico das espécies utilizadas para fins medicinais em duas comunidades da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé: a Colônia Central e a São João do Tupé; foram citadas 102 etnoespécies de uso medicinal, que resultou em 86 espécies botânicas pertencentes a 79 gêneros reunidos em 52 famílias, das quais as que apresentaram maior riqueza de espécies foram Lamiaceae (19,23%), Fabaceae (17,30%) e Asteraceae (9,61%). No Pará, Monteiro *et al.* (2011) documentaram o conhecimento etnoveterinário de habitantes da Ilha do Marajó, Amazônia Oriental, onde 50 plantas, distribuídas em 48 gêneros e 34 famílias, foram indicadas para 21 diferentes usos medicinais; Asteraceae foi a família que teve maior número de espécies citadas (4), seguida por Bignoniaceae, Euphorbiaceae e Leguminosae-Caesalpinioideae, todas com três espécies.

Na região Sul do Brasil, em estudo desenvolvido no Bairro de Ponta Grossa, Porto Alegre – RS, Vendrusculo & Mentz (2006) verificaram a ocorrência de 150 espécies usadas para fins medicinais, em 59 famílias, das quais as Asteraceae apresentaram o maior número de espécies (23). Lima *et al.* (2007) registraram o conhecimento dos moradores da área

urbana do município de Bandeirantes-PR sobre as plantas utilizadas como medicamentos; foram citadas 43 espécies, distribuídas em 22 famílias, sendo Asteraceae e Lamiaceae as mais representativas. Na mesma região do país, Amorim & Boff (2009) estudaram comunidades de agricultores e pecuaristas no município de Lages - SC e obtiveram um total de 112 plantas, pertencentes a 32 famílias, destacando-se pelo número de espécies Asteraceae (7) e Myrtaceae (4); além disso, as espécies mais citadas foram *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC. (macela, Asteraceae) e *Maytenus ilicifolia* (Schrad.) Planch. (espinheira-santa, Celastraceae), com 16 citações cada.

Nos estudos restritos às plantas medicinais realizados em diferentes países as Asteraceae também se destacam pelo número de espécies. Esses resultados são observados tanto em estudos gerais, como os realizados por Lezama *et al.* (2007), na Zona comercial de Barquisimetro, Estado Lara (Venezuela), onde 20% dos gêneros eram de Asteraceae, e por Arias-Toledo (2009) em Córdoba (Argentina), no qual quase 20% das espécies pertencem à esta família, quanto nos mais especializados, como o desenvolvido por Romero-Cerecero *et al.* (2009), que identificaram as espécies mais usadas por pacientes com diabetes mellitus em Morelos, México.

Resultados observados nas Américas também se verificam em estudos realizados na Ásia, como o de Shukla *et al.* (2010), que verificaram a ocorrência de 166 espécies e 69 famílias, usadas como medicinais por comunidades do distrito de Rewa, Madhya Pradesh, Índia, das quais 12 pertencem às Asteraceae. Este elevado número de espécies medicinais pertencentes às Asteraceae citadas em estudos etnobotânicos está fortemente relacionado a um elaborado metabolismo secundário que possibilita a síntese de produtos com elevada atividade farmacológica, microbicida ou microbiostática (Bruneton 1999).

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albuquerque, U. P. 2010. Implications of Ethnobotanical studies on bioprospecting strategies of new drugs in semi-arid regions. **The Open Complementary Medicine Journal** 2: 21-23.

Albuquerque, U. P.; Andrade, L. H. C. 2002a. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16(3): 273-285.

Albuquerque, U. P.; Andrade, L. H. C. 2002b. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciencia** 27(7): 336-346.

Almeida, C. F. C. B. R.; Ramos, M. A.; Amorim, E. L. C.; Albuquerque, U. P. 2010. A comparison of knowledge about medicinal plants for three rural communities in the semi-arid region of northeast of Brazil. **Journal of Ethnopharmacology** 127: 674–684.

Almeida, N. F. L.; Silva, S. R. S.; Souza, J. M.; Queiroz, A. P. N.; Miranda, G. S.; Oliveira, H. B. 2009. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Viçosa-MG. **Revista Brasileira de Farmacognosia** 90(4): 316-320.

Amaral, C. N.; Guarim, V. L. M. S. 2007. Estudo etnobotânico da comunidade rural de Cascavel (Jangada-MT). **Revista Brasileira de Biociências** 5(1): 894-896.

Amorim, C. C.; Boff, P. 2009. Etnobotânica da “Medicina Campeira” na Região da Coxilha Rica, SC. **Revista Brasileira de Agroecologia** 4(2): 1596-1599.

Amoroso, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16: 189-203.

Arias-Toledo, B. 2009. Diversidad de usos, prácticas de recolección y diferencias según género y edad en el uso de plantas medicinales en Córdoba, Argentina. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas** 8(5): 389 – 401.

Barroso, G. M.; Peixoto, A. L.; Costa, C. G.; Ichaso, C. L. F.; Guimarães, E. F. 1991. **Sistemática de angiospermas do Brasil**. Viçosa, MG: v. 3.

Barrella, W.; Breier, T. B.; Leme, G. A. 2010. Levantamento etnobotânico do uso popular de plantas medicinais por comunidades rurais atendidas pela UBSF/Jundiaguara /Araçoiaba da Serra/SP. **Revista Eletrônica de Biologia** 3 (4): 89-105.

Bremer, K. 1994. **Asteraceae: Cladistics and Classification**. Timber Press, Portland.

Bruneton, J. 1999. **Pharmacognosy, Phytochemistry, Medicinal Plants**. Intercept Scientific, Medical and Technical Publications, London (United Kingdom).

Castellucci, S.; Lima, M. I. S.; Nordi, N.; Marques, J. G. W. 2000. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, Município de Luís Antonio/SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** 3(1): 51-60.

Christo, A. G.; Guedes-Bruni, R. R.; Fonseca-Kruel, V. S. 2006. Uso de recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: estudo de caso na Gleba Aldeia Velha. **Rodriguésia** 57(3): 519-542.

Christo, A. G.; Guedes-Bruni, R. R.; Silva, A. G. 2010. Local knowledge on medicinal plant gardens in a rural community near the Atlantic Rain Forest, southeastern Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia** 209(4): 494-501.

Cronquist, A. 1981. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York, Columbia University Press.

Diegues, A. C. S. 1996. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo, Brasil. HUCITEC.

Fonseca-Kruel, V. S.; Peixoto, A. L. 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 18(1): 177-190.

Forzza, R.C.; Leitman, P.M.; Costa, A.F.; Carvalho JR., A.A.; Peixoto, A.L.; Walter, B.M.T.; Bicudo, C.; Zappi, D.; Costa, D.P.; Lleras, E.; Martinelli, G.; Lima, H.C.; Prado, J.; Stehmann, J.R.; Baumgratz, J.F.A.; Pirani, J.R.; Sylvestre, L.; Maia, L.C.; Lohmann, L.G.; Queiroz, L.P.; Silveira, M.; Coelho, M.N.; Mamede, M.C.; Bastos, M.N.C.; Morim, M.P.; Barbosa, M.R.; Menezes, M.; Hopkins, M.; Secco, R.; Cavalcanti, T.B.; Souza, V.C. 2010.

Introdução. *in* **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Acesso em: 15/01/2012.

Gomes, E. C. S.; Barbosa, J.; Vilar, F. C. R.; Perez, J. O.; Vilar, C. R.; Freire, J. L. O.; Lima, A. N.; Dias, T. J. 2008. Plantas da caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. **Engenharia Ambiental – Espírito Santo do Pinhal** 5(2): 74-85.

González, S. B.; Morales, S. 2004. Plantas medicinales utilizadas en comunidades rurales del Chubut, Patagonia-Argentina. **Boletín latinoamericano y del Caribe de plantas medicinales y aromáticas** 3(003): 58-62.

Guarim-Neto, G.; Santana, S. R.; Silva, J. V. B. 2000. Notas etnobotánicas de espécies de Sapindaceae Jussieu. **Acta Botanica Brasilica** 14(3): 327-334.

Lezama, J.; Dávila, M.; Mondragón, A.; Castillo, M. A.; Ramírez, L. A. 2007. Registro y conocimiento etnobotánico de plantas medicinales por expendedores de Barquisimeto, Venezuela. **Boletín del Centro de Investigaciones Biológicas** 41(4): 531-544.

Lima, C. B.; Bellettini, N. M. T.; Silva, A. S.; Cheirubim, A. P. Janani, J. K.; Vieira, M. A. V.; Amador, T. S. 2007. Uso de plantas medicinais pela população da Zona Urbana de Bandeirantes-PR. **Revista Brasileira de Biociências** 5(1): 600-602.

Lima, M. R.; Santos, M. R. A. 2006. Aspectos etnobotânicos da medicina popular no município de Buritis, Rondônia. **Revista Fitos** 2(2): 36-41.

Loiola, M. I. B.; Paterno, G. B. C.; Diniz, J. A.; Calado, J. F.; Oliveira, A. C. P. 2010. Leguminosas e seu potencial de uso em comunidades rurais de São Miguel do Gostoso – RN. **Revista Caatinga** 23(3): 59-70.

Lorenzi, H. 2008. **Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas**. 4^a ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum.

Lorenzi, H; Matos, F.J. A. 2008. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2^a ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum.

- Magalhães, V. C.; Silva, D. M.; Macedo, T. P.; Martins, M. L. L.; Almassy Jr., A. A.; Nascimento, W. A. 2009. Levantamento etnobotânico na comunidade rural Sapucaia em Santo Antônio de Jesus, Recôncavo da Bahia – BA. **Revista Brasileira de Agroecologia** 4(2): 2071- 2074.
- Martins, A. G.; Rosário, D. L.; Barros, M. N.; Jardim, M. A. G. 2005. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacologia** 86(1): 21-30.
- Medeiros, M. F. T.; Fonseca, V. S.; Andreato, R. H. P. 2004. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 18(2): 391-399.
- Miranda, T. M.; Hanazaki, N.; Govone, J. S.; Alves, D. M. M. 2011. Existe utilização efetiva dos recursos vegetais conhecidos em comunidades caiçaras da Ilha do Cardoso, estado de São Paulo, Brasil? **Rodriguésia** 62(1): 153-169.
- Monteiro, M. V. B.; Bevilaqua, C. M. L.; Palha, M. D. C.; Braga, R. R.; Schwanke, K.; Rodrigues, S. T.; Lameira, O. A. 2011. Ethnoveterinary knowledge of the inhabitants of Marajó Island, Eastern Amazonia, Brazil. **Acta Amazônica** 41(2): 233 – 242.
- Monteles, R.; Pinheiro, C. U. B. 2007. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra** 7(2): 38-48.
- Moreira, R. C. T.; Costa, L. C. B.; Costa, R. C. S.; Rocha, E. A. 2002. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacêutica Bonaerense** 21(3): 205-211.
- Mosca, P. V.; Loiola, M. I. B. 2009. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Caatinga** 22(4): 225-234.
- Muiño, W. A. 2010. Ethnobotanical study of the rural population of the West of the Pampa Plain (Argentina). **Ethnobotany Research & Applications** 8:219-231.
- Nakajima, J.; Loeuille, B.; Heiden, G.; Dematteis, M.; Hattori, E. K. O.; Magenta, M.; Ritter, M. R.; Mondin, C. A.; Roque, N.; Ferreira, S. C.; Teles, A. M.; Borges, R. A. X.; Monge,

SILVA, A. A. 2012. Estudo etnobotânico da família Asteraceae em Camocim de São Félix, PE...

M.; Bringel Jr. J. B. A.; Oliveira, C. T.; Soares, P. N.; Almeida, G.; Schneider, A.; Sancho, G.; Saavedra, M. M.; Liro, R. M.; Souza-Buturi, F. O.; Pereira, A. C. M.; Moraes, M.

D. 2012. *Asteraceae* in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000055>).

Nappo, A. E.; Fiedler, N. C.; Silva, J. C.; Silva, J. F. 2003. Avaliação da utilização de recursos florestais no extremo nordeste do estado de Goiás. **Brasil Florestal** 75: 15-22.

Negrelle, R. R. B.; Fornazzari, K. R. C. 2007. Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guaratuba (Paraná, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 9(2): 36-54.

Oliveira, F. C.; Albuquerque, U. P.; Fonseca-Kruel, V. S.; Hanazaki, N. 2009. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 23(2): 590-605.

Oliveira, F.C.S.; Barros, R.F.M.; Moita Neto, J.M. 2010. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 12(3): 282-301.

Pasa, M. C.; Soares, J. J.; Guarim-Neto, G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica** 19(2): 195-207.

Pasa, M. C.; Neves, W. M. S.; Alcântara, K. C. 2008. Enfoque etnobotânico das categorias de uso das plantas na unidade de paisagem quintal, Comunidade Fazenda Verde em Rondonópolis, MT. **Biodiversidade** 7(1): 3-13.

Pereira, R. C. A. 1989. **A Tribo Heliantheae Cassini (Asteraceae) no Estado de Pernambuco – Brasil**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife.

Pereira, Z. V.; Mussury, R. M.; Almeida, A. B.; Sangalli, A. 2009. Medicinal plants used by Ponta Porã community, Mato Grosso do Sul State. **Acta Scientiarum. Biological Sciences** 31(3): 293-299.

Pinto, E. P. P.; Amorozo, M. C. M.; Furlan, A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20(4): 751-762

Pio-Correa, M. P. 1926-1952. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional II:75.

Pires, M. V.; Abreu, P. P.; Soares, C. S.; Souza, B.; Mariano, D.; Silva, D. C.; Rocha, E. A. 2009. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências** 7(1): 3-9.

Pruski, J. F.; Sancho, G. 2004. Asteraceae. In: N. Smith *et al.* (eds). **Flowering plants of the Neotropics**. Princeton University Press.

Rodrigues, V. E. G.; Carvalho, D. A. 2001. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do Cerrado na região do Alto Rio Grande – Minas Gerais. **Ciência Agrotecnológica** 25(1): 102-123.

Romero-Cerecero, O.; Reyes-Morales, H.; Aguilar-Santamaría, L.; Huerta-Reyes, M.; Tortoriello-Garcia, J. 2009. Use of medicinal plants among patients with diabetes mellitus type 2 in Morelos, México. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas** 8(5): 380 – 388.

Santos, J. F. L.; Amorozo, M. C. M.; Ming, L. C. 2008a. Uso popular de plantas medicinais na comunidade rural da Vargem Grande, município de Natividade da Serra, SP. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** 10(3): 67-81.

Santos, L. L.; Ramos, M. A.; Silva, S. I.; Sales, M. F. Albuquerque, U. P. 2009. Caatinga Ethnobotany: anthropogenic landscape modification and useful species in Brazil's semi-arid Northeast. **Economic Botany** 63(4): 363–374.

Santos, M.R.A.; Lima, M.R.; Ferreira, M.G.R. 2008b. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Horticultura Brasileira** 26(2): 244-250.

Scudeller, V. V.; Veiga, J. B.; Araújo-Jorge, L. H. 2009. Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal nas comunidades São João do Tupé e Central (Reserva de Desenvolvimento

Sustentável do Tupé). **Biotupé: Meio Físico, Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central**, UEA Edições, Manaus: v. 2.

Shukla, A. N.; Srivastava, S.; Rawat, A. K. S. 2010. An ethnobotanical study of medicinal plants of Rewa district, Madhya Pradesh. **Indian Journal of Traditional Knowledge** 9(1): 191-202.

Silva, M. A.; Barbosa, J. S.; Albuquerque, H. N. 2010. Levantamento das plantas espontâneas e suas potencialidades fitoterapêuticas: um estudo no Complexo Aluizio Campos – Campina Grande – PB. **Revista Brasileira de Informações Científicas** 1(1): 52-66.

Silva, M. D.; Dreveck, S; Zeni, A. L. B. 2009. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. **Revista Saúde e Ambiente** 10(2): 54-64.

Souza, C. D.; Felfili, J. M. 2006. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20(1): 135-142.

Souza, V. C.; Lorenzi, H. 2008. **Botânica sistemática: Guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II**. 2. ed. Instituto Plantarum. Nova Odessa, SP.

Teixeira, S. A.; Melo, J. I. M. 2006. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. **Iheringia, Série Botânica** 61(1-2): 5-11.

Torres, D. F.; Oliveira, E. S.; Alves, R. R. N.; Vasconcelos, A. 2009. Etnobotânica e etnozootologia em unidades de conservação: uso da biodiversidade na APA de Genipabu, Rio Grande do Norte, Brasil. **Interciencia** 34(9): 623-629.

Vendruscolo, G. S.; Mentz, L. A. 2006. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia, Série Botânica** 61(1-2): 83-103.

Vitto, L. A.; Petenatti, E. M. 2009. Asteráceas de importancia econômica y ambiental. Primeira parte. Sinopsis morfológica y taxonômica, importancia ecológica y plantas de interes

SILVA, A. A. 2012. Estudo etnobotânico da família Asteraceae em Camocim de São Félix, PE...

industrial. Multequina. **Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas Argentina** 18: 87-115.

Viu, A. F. H.; Campos, L. Z. O.; Viu, M. A. O.; Santos, C. S. 2007. Etnobotânica e preservação do bioma Cerrado no município de Jataí – GO. **Revista Brasileira de Agroecologia** 2(2): 1282-1286.

Capítulo 1

Levantamento etnobotânico em comunidades rurais de Camocim de São Félix, Pernambuco,
Nordeste do Brasil

Manuscrito a ser submetido ao periódico *Acta Botanica Brasilica*.

Levantamento etnobotânico em comunidades rurais de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil

Aryêcha Arruda da Silva; Laís Costa Rodrigues; Raquel Barbosa da Silva; Laise de Holanda Cavalcanti Andrade.

RESUMO

(Levantamento etnobotânico em comunidades rurais de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil). O presente estudo investigou o conhecimento etnobotânico em comunidades rurais estabelecidas na Microrregião do Brejo Pernambucano, no agreste de Pernambuco. Informações sobre o uso das espécies foram obtidas junto a 50 moradores do município de Camocim de São Félix através de entrevistas semiestruturadas, onde as espécies foram enquadradas em 6 etnocategorias. Foram calculados o Fator de Consenso entre os informantes (FCI), a Importância Relativa (IR), o Grau de Concordância entre os Informantes (UC_s) e o Índice de Significado Cultural (ISC). Foram citadas como úteis 214 espécies, distribuídas em 182 gêneros e 75 famílias, enquadradas nas seguintes etnocategorias: medicinal (122), alimentícia (74), ornamental (54), tecnológica (21), místico (13) e outras (7), estando algumas espécies enquadradas em mais de uma etnocategoria. Destacaram-se pelo maior número de espécies Asteraceae (19), Fabaceae (14), Lamiaceae (13) e Cucurbitaceae/Myrtaceae (8). Houve maior concordância nas indicações de plantas para tratamento de doenças do aparelho digestivo (FCI 0,78). Dentre as espécies de uso medicinal, *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. teve o maior índice de importância relativa (IR 2) e *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. foi a espécie com maior concordância de usos entre os informantes (UC 0,645). *Citrus sinensis* (L.) Osbeck apresentou o índice de importância cultural mais elevado (ISC 14,8). Embora sejam utilizadas espécies nativas do agreste de Pernambuco, como *Myracrodruon urundeuva* Allemão, elas não têm destaque na flora útil local, apesar do potencial que representam como fontes de medicamentos, alimentos e combustível.

Palavras-chave: Plantas medicinais, categoria de uso, etnobotânica.

ABSTRACT

(Ethnobotanical survey in rural communities of Camocim de São Félix, Pernambuco, Northeast Brazil). The present study investigated the ethnobotanical knowledge in rural communities in the Brejo Microregion of Pernambuco, Agreste zone of Pernambuco State. Informations about the use of species were got from 50 residents of the Camocim de São Félix municipality using semi-structured interviews. The species were classified into six ethnocategories. We calculated the Informant Consensus Factor (FCI), the Relative Importance (IR), the degree of agreement between informants (UC_s) and the cultural significance index (CSI). We counted as useful 214 species in 182 genera and 75 families, distributed among the following ethnocategories: medical (122), food (74), ornamental (54), technological (21), mystic (13) and others (7). Some species were listed in more than one ethnocategory. Outstanding by higher number of species: Asteraceae (19), Fabaceae (14), Lamiaceae (13) and Cucurbitaceae/Myrtaceae (8). There was a larger agreement in the

indication of plants for treating of digestive tract diseases (FCI 0,78). Among the species of medical use *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. had the highest relative importance (IR=2) and *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. was the species with larger agreement for use among the informants (UC_s=0,645). *Citrus sinensis* (L.) Osbeck showed the larger index of cultural significance (ISC=14,8). Useful native species Native of agreste zone of Pernambuco state, like *Myracrodruon urundeuva* Allemão, have not an outstanding position in the local flora despite their potential as sources for medicaments, food and combustible.

Keywords: Medicinal plants, use category, ethnobotany.

1. Introdução

As plantas exercem um importante papel na sobrevivência das comunidades humanas, sendo utilizadas de diversas formas, tais como: alimentícias, medicinais, ornamentais, místico/religiosas, madeireiras ou para confecção de artesanatos (Torres *et al.* 2009). No Brasil, os descendentes de povos indígenas, europeus e africanos são conhecedores dos inúmeros recursos vegetais perpetuados ao longo das gerações. Fruto da observação e convivência com a natureza, este conhecimento continua sendo transmitido de modo verbal, mas pouco a pouco está sendo incorporado à ciência através das pesquisas etnobotânicas (Araújo *et al.* 2009).

A pesquisa etnobotânica é um importante instrumento para levantar, compreender e registrar os dados sobre o conhecimento popular do uso das plantas em uma determinada comunidade (Alves *et al.* 2007). Além disso, o conhecimento popular pode fornecer informações essenciais para novas descobertas científicas e as pesquisas etnobotânicas direcionadas para plantas medicinais podem propiciar, por exemplo, novos conhecimentos sobre as propriedades terapêuticas das plantas, reduzindo os esforços de bioprospecção (Albuquerque 2010).

Diante da marcha acelerada da urbanização e das fortes influências da aculturação, é preciso intensificar e ampliar os esforços para resgatar o conhecimento que as comunidades que habitam as diferentes regiões do país detêm sobre o uso de recursos naturais oferecidos pelos seus diversos ecossistemas (Pasa *et al.* 2005). Na região semiárida brasileira os estudos etnobotânicos foram iniciados no final do século passado, junto a tribos indígenas, quilombolas e comunidades rurais, fornecendo informações sobre as relações do povo com as plantas nativas da Caatinga e evidenciando a forte influência das exóticas cultivadas,

principalmente como medicinais e alimentícias (Agra 1982; Agra & Silva 1993; Agra *et al.* 1994; Silva & Andrade 1998, 2004, 2005; Albuquerque & Andrade 2002; Franco & Barros 2006; Torres *et al.* 2009; Almeida *et al.* 2010).

Contribuindo para este resgate, na presente pesquisa investigou-se o conhecimento etnobotânico existente em quatro comunidades de agricultores estabelecidos no município de Camocim de São Félix, situado na Microrregião do Brejo pernambucano, Nordeste do Brasil.

2. Metodologia

O município de Camocim de São Félix está localizado na Mesorregião Agreste e na Microrregião Brejo de Pernambuco, limitando-se a norte com Sairé, a sul com Bonito e São Joaquim do Monte, a leste com Sairé e a oeste com Bezerros. Possui uma área total de 53,58 km², que corresponde a 0,0545% do Estado. O clima é do tipo tropical chuvoso, com verão seco. Inserido na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, a uma altitude média de 691 m, onde predominam os solos do tipo Latossolos Amarelos e os Argissolos Amarelos e Vermelho-Amarelos (Beltrão *et al.* 2005).

Nesta unidade, a vegetação predominante é formada por Florestas Subcaducifólias, próprias das áreas agrestes. Porém, por causa das condições climáticas e edáficas, com pluviosidade entre 700-1.100 mm, no município são encontradas manchas de floresta úmida, áreas de exceção do Agreste conhecidas regionalmente como brejos (Barbosa & Santos 2009). O processo de ocupação e povoamento do município ao longo do tempo passou por diferentes atividades de cunho agropecuário, associados a uma exploração intensa dos recursos vegetais que promoveram uma alteração gradativa do meio ambiente (Barbosa & Santos 2009).

O município está nos domínios da Bacia Hidrográfica do Rio Sirinhaém que tem como principais tributários os riachos Tanque de Piabas e Seco, todos de regime intermitente (Beltrão *et al.* 2005). No período chuvoso (abril a agosto), são cultivados, principalmente, milho (*Zea mays* L.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.) e feijão (*Phaseolus vulgaris* L.). As hortaliças, como tomate, *Lycopersicon esculentum* L.; pimentão, *Capsicum annuum* L.;

pepino, *Cucumis sativus* L.; e acelga, *Beta vulgaris* var. *cicla* L., são cultivadas apenas nos meses mais secos, de setembro a março (Silva *et al.* 1999).

Distante 102,650 km da capital do estado, Camocim de São Felix possui uma população total de 17.093 habitantes, sendo 14.320 da área urbana e 2.773 da área rural (IBGE 2010). O município possui um hospital público, 18 estabelecimentos de ensino fundamental e dois estabelecimentos de ensino médio, público e privado (Beltrão *et al.* 2005). O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de 0,626 e de Exclusão Social, que tem como indicadores pobreza, emprego formal, desigualdade social, alfabetização, anos de estudo, concentração de jovens e violência, é de 0,337. Estes índices posicionam Camocim de São Félix em 84^o no ranking estadual e em 4202^o no nacional. Os setores de atividades econômicas formais do município são a indústria de transformação, o comércio, serviços coletivos, sociais, e pessoais, administração pública, extração vegetal, caça e pesca, que geram ao todo 575 empregos formais, estando o resto da população trabalhando no setor informal (Beltrão *et al.* 2005).

Através de entrevistas semiestruturadas, realizadas entre dezembro/2010 e maio/2011, foi investigado o conhecimento etnobotânico existente nas comunidades rurais Sítio Palmeira, Sítio Mondé dos Cabrais, Sítio Santa Luzia e Sítio Brejinho, onde moram, em sua maioria, famílias de agricultores que trabalham na região, o primeiro deles constituindo o núcleo mais antigo do local. As pessoas foram abordadas em suas residências e 50 concordaram com os termos da pesquisa e assinaram um termo de consentimento. Os formulários empregados nas entrevistas continham perguntas para coletas de dados socioeconômicos e dados etnobotânicos, questionando-se os informantes sobre as plantas conhecidas na região e o uso que fazem delas.

As espécies citadas pelos informantes foram coletadas com a ajuda dos mesmos, que identificaram o material em campo por seu nome vernacular. O material botânico coletado foi herborizado (Mori *et al.* 1989) e depositado no Herbário Geraldo Mariz (UFP), da UFPE. As identificações das espécies ocorreram através de consulta a exsicatas previamente identificadas por especialistas e depositadas no herbário UFP.

Foi construída uma curva de acumulação de espécies, para verificar se o universo amostral em função da diversidade de espécies seria o suficiente, utilizando o software

EcoSim (Gotelli & Entsminger 2009), que mostrou a suficiência do número de entrevistas realizadas (50) (**Fig.1**).

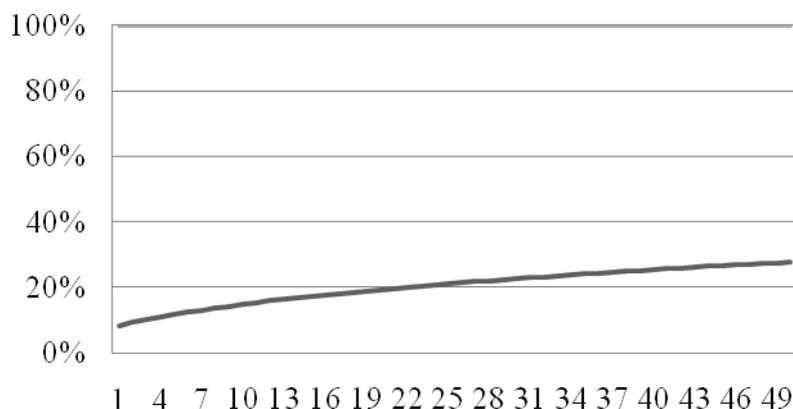


Figura 1. Curva de acumulação de espécies, mostrando o universo amostral em função da diversidade de espécies.

De acordo com a utilidade apresentada pelos informantes, as espécies vegetais citadas foram inseridas nas seguintes etnocategorias: medicinal, alimentícia, ornamental, tecnológica, mística e outras.

Foi calculado o fator de consenso entre os informantes (FCI) para verificar a concordância do conhecimento dos entrevistados a respeito do uso de uma dada espécie vegetal para tratamento de doenças relacionadas com um determinado sistema corporal adotando-se o Código Internacional de Doenças (CID-10), publicado pela Organização Mundial de Saúde - OMS (2002). O FCI leva em consideração o número de citações de usos em cada sub-categoria e o número de espécies usadas nesta sub-categoria e tem 1 como valor máximo quando ocorre um total consenso entre os informantes para uma categoria particular (Trotter & Logan 1986).

Após determinar a espécie que possui o maior número de propriedades medicinais, segundo os informantes, a espécie mais versátil, foi calculada a importância relativa (IR) de cada espécie citada, que considera o número de sistemas corporais tratados por uma

determinada espécie e o número de propriedades a ela atribuídas, tratados em relação à espécie mais versátil (Bennett & Prance 2000).

Avaliou-se, também, o grau de concordância entre os informantes com relação a uma espécie ser útil ou não, seguindo Byg & Balslev (2001) com adaptações de Albuquerque *et al.* (2010) e o índice de significado cultural, que considera o manejo de espécie, preferência de uso, frequência de uso de cada espécie, visando registrar o valor de cada espécie vegetal e revelar sua importância para a sobrevivência biológica e cultural de uma comunidade (Turner 1988, com alterações de Silva *et al.* 2006).

3. Resultados e Discussão

No total de entrevistados predominam mulheres (46), com idade variando de 15-77 anos, com apenas quatro homens, com idade variando de 20-68 anos. A maioria (64%) é adulta e apenas 16% tem mais de 60 anos. A maior parte dos entrevistados nasceu na Microrregião do Brejo, sendo 36% de Camocim de São Félix, 14% de Sairé, 8% de Bonito, 4% de São Joaquim do Monte e 6% de Agrestina; o restante provém de municípios próximos, como Bezerros (22%), Caruaru (22%) e São Caetano (2%), situados na Microrregião do Vale do Ipojuca, sendo apenas 2% na Mesorregião do Sertão Pernambucano (Iguaracy), 2% nascidos em Cortês, na Microrregião da Mata Meridional e 2% na Mesorregião Recife, no litoral do Estado.

O estado civil da maioria dos entrevistados é o casado (52%), 34% são solteiros e 14% viúvos. A agricultura foi indicada como a ocupação de 50% dos entrevistados, pois eles se auto-intitulam como tal, mesmo não exercendo a profissão, com um pequeno percentual de aposentados (14%) e desempregados (4%), além de 24% serem donas-de-casa, e 2% agente comunitária, funcionário da sementeira, cozinheira ou estudante. A baixa escolaridade é comumente observada em comunidades rurais nordestinas, visto que a distância e a falta de transporte tornam-se impedimentos para a continuidade do estudo e 84,21% dos entrevistados tem apenas o ensino fundamental incompleto. A renda familiar da maioria dos entrevistados é menor que um salário mínimo (54%) e apenas 10% tem rendimento mensal maior que um salário mínimo, e os 36% restantes possuem rendimento mensal de 1 salário mínimo.

Os entrevistados citaram como úteis 214 espécies, distribuídas em 182 gêneros e 75 famílias e classificadas nas seguintes etnocategorias, onde algumas espécies estão classificadas em mais de uma categoria: medicinal (122), alimentícia (74), ornamental (54), tecnológica (21), mística (13) e outras (7) (**Fig. 2, Tab. 1**).

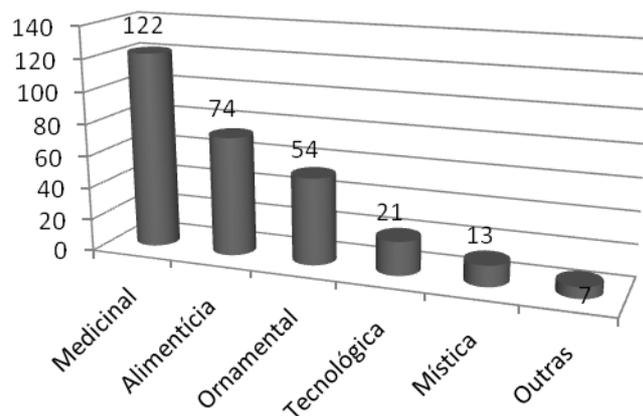


Figura 2. Categorias de uso encontradas no estudo etnobotânico realizado em quatro comunidades rurais de Camocim de São Félix, Microrregião do Brejo pernambucano, Nordeste do Brasil.

O número de espécies citadas pode ser considerado alto, se comparado com estudos realizados junto a outras comunidades que habitam a zona da Caatinga. Albuquerque & Andrade (2002), por exemplo, em estudo feito em uma comunidade rural do município de Alagoinha, encontraram um total de 75 espécies citadas dentre os diferentes usos (alimentícia, medicinal, madeira, uso doméstico - tecnologia, forragem, venenosa e repelente de insetos); a categoria medicinal também se sobrepôs às demais, com 48 espécies.

As famílias mais bem representadas pelo número de espécies foram: Asteraceae (19), distribuídas nas etnocategorias medicinal, ornamental, tecnológico, alimentício e outras; Fabaceae (14), nas categorias medicinal, tecnológico, alimentício e ornamental; Lamiaceae (13), nas categorias medicinal, alimentício, tecnológico, místico e ornamental; Cucurbitaceae (8), nas etnocategorias medicinal e alimentício; e Myrtaceae (8), nas categorias medicinal, tecnológico, alimentício, ornamental e outras (**Fig. 3**).

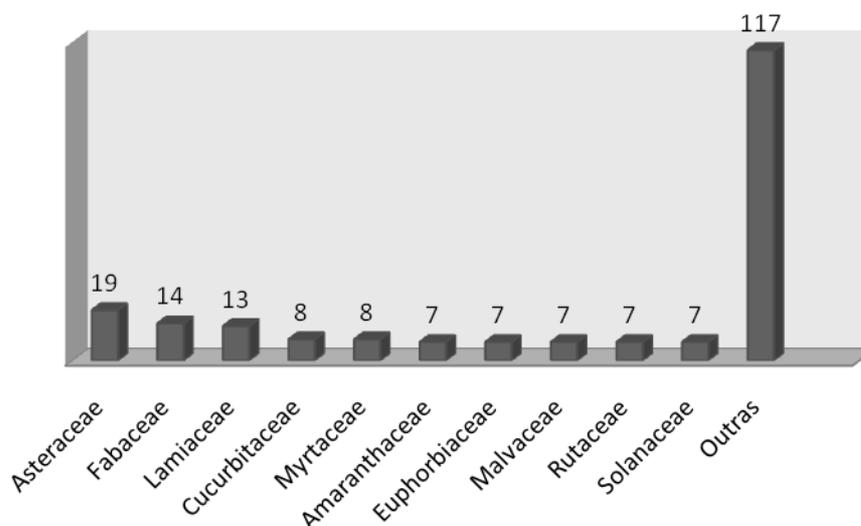


Figura 3. Famílias mais representativas no estudo etnobotânico realizado em quatro comunidades rurais de Camocim de São Félix, Microrregião do Brejo pernambucano, Nordeste do Brasil.

Esses números foram semelhantes aos encontrados por Arias-Toledo (2009) em Córdoba (Argentina), que refere 120 espécies medicinais, onde as famílias com mais representantes foram Asteraceae (21), Lamiaceae (13) e Fabaceae (10). Pires *et al.* (2009) encontraram, entre as espécies usadas por pais e mães de santo em terreiros dos municípios de Ilhéus e Itabuna (BA), 78 espécies vegetais distribuídas em 43 famílias, sendo as mais representativas Asteraceae (9), Lamiaceae (7), Fabaceae(4) e Myrtaceae (4). Esses resultados apontam para o fato de que, apesar de serem realizados em ambientes diferentes, e com grupos humanos culturalmente diferentes, elas demonstram ter valores semelhantes aos encontrados em Camocim de São Félix.

O fato das Asteraceae estarem entre as mais representativas em diferentes regiões do globo pode ser devido ao grande número de espécies que pertencem a esta família, bem como a ampla distribuição, e a facilidade de serem cultivadas; atrelado a isso ainda se inclui o fato de grande parte delas ser herbácea, de ciclo de vida curto, e possuírem, como estratégia de competição, um elaborado metabolismo secundário que possibilita a síntese de produtos com elevada atividade farmacológica, microbicida ou microbiostática, possibilitando, simultaneamente, que algumas dessas espécies se utilizem na alimentação (Bruneton 1999).

A maioria dos entrevistados (60%) conhece apenas 20 a 40 plantas, que correspondem a espécies conhecidas por boa parte da população, como por exemplo *Cymbopogon citratus* DC. Stapf. (capim-santo), *Allium cepa* L. (cebola), *Lycopersicon esculentum* Mill. (tomate) e *Capsicum annuum* L. (pimentão) (**Fig. 4**). Dentre os que citaram menos de 20 espécies estão sete mulheres, de 28 a 65 anos, agricultoras, donas-de-casa e cozinheira, que completaram apenas o ensino fundamental, e três homens, de 20 a 68 anos, dois agricultores e um funcionário da sementeira, dentre estes, um não é escolarizado, um tem apenas o ensino fundamental e o outro tem o segundo grau completo. Entre as pessoas que citaram mais de 60 espécies estão cinco mulheres, de 36 a 75 anos, uma agricultora, uma dona-de-casa e três aposentadas, que completaram apenas o ensino fundamental.

Considerando as espécies citadas pelo maior número de entrevistados destacam-se *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (40), Lamiaceae exótica de uso medicinal; *Lycopersicon esculentum* (38), Solanaceae exótica que constitui uma das principais culturas do município, utilizada na alimentação; *Citrus sinensis* (L.) Osbeck (37), Rutaceae exótica cultivada, utilizada como medicinal, alimentícia e ornamental; *Cymbopogon citratus* (36), Poaceae exótica cultivada, indicada como medicinal; *Coriandrum sativum* L. (31), Apiaceae exótica cultivada nas residências para alimentação (condimento) (30) e uso medicinal (1); *Rosa* sp. (30), Rosaceae exótica cultivada principalmente como ornamental e também com usos místico e medicinal; *Mangifera indica* L. (28), Anacardiaceae originária da Ásia cultivada em residências ou empregada na arborização de locais públicos, citada para as categorias medicinal (2), alimentícia (29) e tecnológica (1); *Musa paradisiaca* L. (28), Musaceae também originária da Ásia, cultivada nas residências e no campo, destinada à alimentação (26) e tratamento da tosse (1); *Anacardium occidentale* L. (27), Anacardiaceae nativa no Nordeste do Brasil, podendo ser cultivada nas residências ou ocorrer naturalmente nos campos do município, para uso alimentício (21), medicinal (10) e tecnológico (6); *Capsicum annuum* L. (26), Solanaceae exótica cultivada nas lavouras, destinada à alimentação. Estas espécies estão presentes no cotidiano dessas comunidades e possuem significativa importância na subsistência familiar.

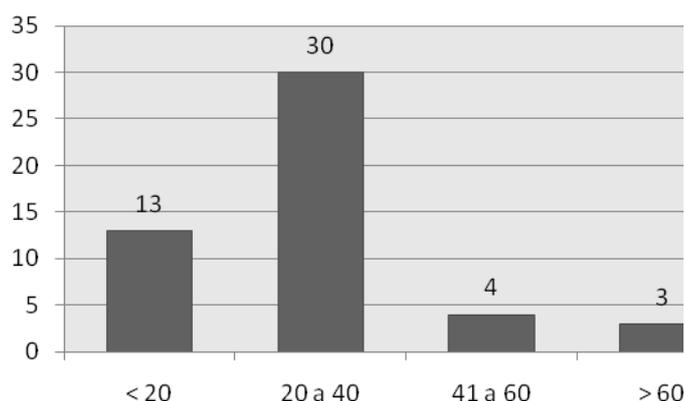


Figura 4. Número de espécies citadas por entrevistado no estudo etnobotânico realizado em quatro comunidades rurais de Camocim de São Félix, Microrregião do Brejo pernambucano, Nordeste do Brasil.

Das 74 espécies citadas para a categoria alimentícia (Tab. 1) as que se sobressaíram em relação ao número de citações são apreciadas por seus frutos (*Citrus sinensis*, a laranja, 37; *Mangifera indica*, a manga, 28; *Musa paradisiaca*, a banana, 28; *Anacardium occidentale*, o caju, 25), ou como legumes e condimentos (*Lycopersicon esculentum*, o tomate, 38; *Coriandrum sativum*, o coentro, 31; *Capsicum annuum*, o pimentão, 26; *Solanum tuberosum* L., a batata, 24; *Allium cepa* L., a cebola, 23; *Lactuca sativa* L., a alface, 22).

Na categoria ornamental foram citadas 54 espécies (Tab. 1), 81,69% empregadas exclusivamente para este fim, 5,63% também utilizadas como medicinal, 2,82% empregadas também na tecnologia; 2,82% tem uso místico-religioso e 1,41% tem uso alimentício. Destacam-se pelo número de citações: a rosa, *Rosa* sp. (26); o crote, *Codiaeum variegatum* (L.) Rumph. ex A. Juss. (12), pela folhagem; o comigo-ninguém-pode, *Dieffenbachia picta* (Lodd.) Schott (10), ornamental pela folhagem e também de uso místico (afastar energias negativas); jasmim, *Ervatamia coronaria* (Jacq) Stapf (8) e orquídea, *Cattleya labiata* Lindl. (8), pelas flores; cafezinho, *Leea coccinea* Planch. (8), pela folhagem; boa-noite, *Catharanthus roseus* (L.) G. Don (8), pelas flores e folhagem; dália, *Dahlia pinnata* Cav. (7), pelas flores vistosas; papoula, *Hibiscus* sp. (6), pelas flores, e pinhão-roxo, *Jatropha gossypifolia* L. (5), pela folhagem e pelo uso místico (afastar energias negativas). As espécies ornamentais são introduzidas, todas elas cultivadas em jardins, quintais, ou até em jarros no interior das casas e nos terraços.

A etnocategoria tecnológica é pouco expressiva, com apenas 21 espécies citadas (Tab. 1), incluindo ervas invasoras, como vassourinha-de-relógio, *Parthenium hysterophorus* L. (12), onde a planta toda é empregada para confeccionar vassouras que são usadas para varrer a parte externa das casas. Lenhosas nativas do Nordeste do Brasil, como o caju, *Anacardium occidentale* (6) e a jurema, *Mimosa tenuiflora* (Will.) Poir (6) são usadas para fazer lenha e carvão para cozinhar; a madeira do eucalipto, *Eucalyptus globulus* Labill (5), uma espécie originária da Austrália, é usada na construção de casas. Uma espécie não identificada, conhecida pela população por macaxeira-do-mato (4), é utilizada como lenha, material para construção de casas e cercas e para fazer instrumentos de trabalho, como cabos de enxada e machado.

Espécies lenhosas nativas da região e algumas herbáceas introduzidas tem apenas uso tecnológico, empregadas na confecção de instrumentos de trabalho, como cabos de enxada e machado (piquiá, *Aspidosperma* sp.; pau-brasil, *Caesalpinia echinata* Lam.; sabiá, *Mimosa caesalpiniiifolia* Benth.; guajeru, *Chrysobalanus icaco* L.; e macaxeira-do-mato), instrumentos domésticos, como vassouras (vassourinha-de-relógio, *P. hysterophorus*), construção de cercas (sabiá, *M. caesalpiniiifolia*; maçaranduba, *Manilkara huberi* (Ducke) A. Chev.; e macaxeira-do-mato) ou como lenha (camundongo, *Sparattanthelium botocudorum* Mart.; e macaxeira-do-mato).

Outras espécies como *Hymenaea coubaril* L. (jatobá), *Conyza bonariensis* (L.) Cronquist (rabo-de-raposa), *Anacardium occidentale* (caju), *Citrus limonia* Osbeck (limão), *Eucalyptus globulus* (eucalipto), *Mangifera indica* (manga) e *Borreria verticillata* (L.) G. Meyer (vassourinha-de-botão) tem uso medicinal além do tecnológico. Jatobá cujo tronco é utilizado na construção de casas, é indicado para problemas renais e da próstata, onde são usadas cascas do tronco; rabo-de-raposa é utilizado contra a dermatomicose conhecida como pano-branco; o chá da folha do caju é usado contra a cólica, o chá ou a garrafada da casca do caju é usado para cefaleia, febre, inflamação e infecção vaginal (escorrimento); o chá da folha do limão é usado contra gripe, e o chá, lambedor ou suco do fruto do limão é usado em casos de gripe, tosse e angina, enquanto que seu caule é utilizado na confecção de instrumentos de trabalho, como enxadas e machados; o chá da folha do eucalipto é usado para gripe, febre, asma e tosse; o chá da folha da manga é utilizado para tratar tosse e cólica e a vassourinha-de-botão é usada em casos de hemorróida, cujos ramos também são usados como vassouras.

Outras espécies, além de alimentícias tem também uso tecnológico, como *Artocarpus integrifolia* L. (jaca), *Anacardium occidentale* (caju) e *Mangifera indica* (manga), frutíferas cujas madeiras são utilizadas para lenha; *Ocotea glomerata* (Ness) Mez (louro), condimentícia cuja madeira também é usada na construção, e *Citrus limonia* Osbeck (limão), que tem valor medicinal, alimentício e tecnológico.

Das 13 espécies incluídas na categoria mística (Tab. 1), algumas se destacam pelo maior número de citações: *Jatropha gossypifolia* (20); *Borreria verticillata* (12); *Scoparia dulcis* L., a vassourinha (6); e *Ruta graveolens* L., a arruda (4). Estas, além de *Ocimum basilicum* L. (manjeriço), *Malva* sp. (malva-rosa) e *Ricinus communis* L. (mamona), são utilizadas para "rezar" crianças, na intenção de retirar o mau-olhado. Quatro foram citadas para afastar mau-olhado, apenas com a presença delas nas casas: *J. gossypifolia*; *Vitex agnus-castus* L. (liamba); *Dieffenbachia picta* e *Capsicum frutescens* L. (pimenta). As outras espécies da categoria mística (*Illicium verum* Hook. f., anis-estrelado; *Dianthus chinensis* L., o cravo; e a *Rosa* sp., nas diferentes cores), são utilizadas nos banhos de limpeza, para atrair dinheiro, paz ou para afastar o mau olhado.

Destas 13 espécies, apenas *R. communis* e *S. dulcis* tem uso restrito para esta categoria, as demais estão associadas ao uso ornamental, como *D. picta* e *J. gossypifolia*, ou medicinal, como *O. basilicum*, *R. graveolens*, *I. verum* e *V. agnus-castus*, e apenas *C. frutescens* tem também uso condimentício.

Na categoria outros (Tab. 1), foram colocadas duas espécies que os informantes consideram venenosas, *D. picta* e *R. graveolens*; duas espécies são empregadas no artesanato, *Cocos nucifera* L., cujas folhas são usadas na confecção de chapéus, e *Egletes viscosa* (L.) Less., macela, cujas inflorescências são utilizadas para fazer travesseiros artesanais; duas espécies são usadas como repelente de insetos, *Azadirachta indica* A. Juss., o nim, e *Cymbopogon winterianus* Jowitt ex Bor, a citronela, com uma citação cada, e uma como aromática, *Eucalyptus globulus*, o eucalipto. Nenhuma destas espécies é nativa da região e foram citadas por no máximo três informantes.

Dentre as 122 espécies citadas para a categoria medicinal (Tab. 3) algumas se destacaram, pelo número de informantes que as citaram, foram elas: *Lippia alba* (40), conhecida como cidreira ou erva-cidreira, usada no tratamento de dores de cabeça ou no

corpo, febre, cólica ou como calmante; *Cymbopogon citratus* (36), o capim-santo, citado para cólica, indigestão, problemas na vesícula biliar, dor no corpo, febre, gripe, controle da pressão arterial e como calmante; *Plectranthus amboinicus* (Leur.) Spreng. (25), conhecida por hortelã-graúda, usada contra gripe, tosse, cefaléia, otalgia e inflamação; *Sambucus australis* Cham. & Schltdl. (23), a sabugueira, indicada para gripe e tosse; *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants (21), o mastruz, usado no tratamento da gripe, tosse, cefaléia, hematomas, cólica e vermífugo; *Citrus sinensis* (18), a laranja, citada como calmante, e para tratar a cólica, a gripe e a labirintite; *Acanthospermum hispidum* DC. (17), o espinho-de-cigano, indicada no tratamento da asma, tosse, inflamações na garganta, odontalgia, problemas renais, como cicatrizante e no tratamento de infecções genito-urinárias; *Mentha x villosa* Huds. (16), a hortelã-miúda, empregada no tratamento do AVC, de dores de cabeça, cólicas, enjoos, gripes, tosses e como vermífugo; *Alpinia zerumbet* (Pers.) BL. Burt & R.M.Sm. (15), conhecida como colônia, e usada para febre, gripe, tosse e controle da pressão arterial; e *Rosmarinus officinalis* L. (14), o alecrim, empregada no combate da cefaléia, da gripe, da tosse, da hemorróida, da gastrite, da dor no corpo, no controle da pressão arterial e para melhorar a memória.

Foi calculada a importância relativa (IR) das espécies medicinais citadas pelas comunidades estudadas, que variou entre 2 e 0,29 (Tab. 3). *Cymbopogon citratus* (capim-santo) é a planta mais versátil (IR=2), com sete indicações terapêuticas para sete sistemas corporais, seguida de *Acanthospermum hispidum* (espinho-de-cigano) e *Mentha x villosa* (hortelã-miúda), ambas com IR= 1,71; *Dysphania ambrosioides* (mastruz), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Persea americana* Mill. (abacate) e *Aloe vera* (L.) Burm. f. (erva-babosa) tiveram IR= 1,57; *Lippia alba* (erva-cidreira) alcançou IR= 1,43 e *Ocimum* sp. (louro) e *Citrus sinensis* (laranja) tiveram a mesma importância relativa (IR=1,29). Fica evidente a importância das plantas introduzidas dentre as 122 espécies citadas para uso medicinal e, dentre as nativas da região semiárida de Pernambuco, apenas *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira) evidenciou valor significativo (IR=1,43). Esta evidência confirma o que vem sendo relatado nas pesquisas etnobotânicas realizadas junto a comunidades que habitam o semiárido pernambucano, mesmo as desenvolvidas junto a tribos indígenas (Silva & Andrade 2004).

O fato das espécies medicinais mais utilizadas serem de amplo uso mundial, além de indicar a forte possibilidade de serem eficazes nas respectivas propriedades terapêuticas, está

relacionado com a facilidade de serem cultivadas nas residências e serem manuseadas prioritariamente por mulheres, que não têm o costume de ir mata adentro coletar as plantas nativas.

A grande concordância entre os informantes em relação a utilidade medicinal das espécies variou entre 0,645 e 0,016 (Tab. 3). As espécies com os maiores índices de valor de consenso foram: *Lippia alba* ($UC_s=0,645$), *Cymbopogon citratus* ($UC_s=0,581$), *Ocimum* sp. ($UC_s=0,403$), *Sambucus australis* ($UC_s=0,371$), *Dysphania ambrosioides* ($UC_s=0,355$), *Citrus sinensis* ($UC_s=0,29$), *Acanthospermum hispidum* ($UC_s=0,274$), *Mentha x villosa* ($UC_s=0,258$), *Alpinia zerumbet* ($UC_s=0,242$) e *Plectranthus grandis* (L. H.Cramer) R. Willemse ($UC_s=0,226$).

Para tratamento de transtornos do aparelho digestório (DAD) foram indicadas 37 espécies, com 166 citações (Tab. 2). Analisando-se a concordância do conhecimento dos entrevistados a respeito do uso das plantas como medicinais constatou-se maior concordância para este sistema corporal, com FCI= 0,78 (Tab. 2). Para transtornos mentais e comportamentais (TMC), foram indicadas 13 espécies, com 50 citações, a maioria utilizada como calmantes (*Catharanthus roseus* (L.) G. Don, *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert., *Citrus sinensis*, *Cymbopogon citratus*, *Erythrina mulungu* Mart. ex Benth, *Lippia alba*, *Passiflora edulis* Sims, *Passiflora* sp., *Pimpinella anisum* L., *Rosa* sp., *Tagetes erecta* L.), todas introduzidas, uma é indicada para epilepsia (*Helianthus annuus* L.) e uma como estimulante cerebral, para melhorar a memória (*Rosmarinus officinalis*). O sistema corporal SSA (Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte) apesar de ter o terceiro maior FCI, teve o maior número de citações (210) e o maior número de plantas citadas (62).

O índice de importância cultural foi proposto por Turner (1988) e se destinava a revelar as plantas de maior importância para a sobrevivência biológica e cultural de um grupo indígena canadense. Este índice tem sido utilizado e aperfeiçoado por outros autores (Stoffle *et al.* 1990; Silva *et al.* 2006), inclusive em estudos realizados junto a comunidades que habitam o semiárido brasileiro, como Silva & Andrade (2004) junto aos Xucuru e Silva *et al.* (2006), junto aos Funi-ô, ambos em Pernambuco. Em Camocim de São Felix, excetuando *Anacardium occidentale* (ISC=10,8), a maior parte das espécies de maior importância cultural para as comunidades estudadas também são exóticas, cultivadas para fins medicinais e

alimentícios: *Citrus sinensis* (ISC=14,8), *Cymbopogon citratus* (ISC=10,8), *Lippia alba* (ISC=10,0), *Dysphania ambrosioides* (ISC=9,45), *Mangifera indica* (ISC=8,4), *Coriandrum sativum* (ISC=8,0), *Lycopersicon esculentum* (ISC=7,6), *Musa paradisiaca* (ISC=7,0) e *Solanum tuberosum* (ISC=6,0). No estudo efetuado por Silva & Andrade (2004) ficou evidente a importância de *Musa paradisiaca*, que, apesar de exótica, se apresenta atualmente como de maior significado cultural para a tribo Xucuru, estabelecida no agreste pernambucano, junto ao brejo de altitude da Serra do Ororobá; nesta tribo, a banana tem diferentes usos, sendo importante no comércio, na alimentação, na farmacopéia, nos rituais religiosos, para confecção de vestimentas e na confecção de artesanatos.

Apesar de inserida na Microrregião do Brejo, a flora útil para as comunidades estudadas, embora diversa, não difere das referidas para outras comunidades rurais que habitam o agreste e o sertão nordestino, as quais, por sua vez, também muito se assemelham a outras comunidades que habitam diferentes regiões do país. Os dados obtidos neste trabalho, associados aos de outros autores evidenciam que, apesar da megadiversidade da flora do Brasil, a população em geral mantém uma lista básica de espécies vegetais úteis, particularmente nos aspectos medicinais e alimentícios, onde a maioria é exótica.

4. Agradecimentos

Aos moradores de Camocim de São Félix, pela atenção e interesse em participar da pesquisa; ao Programa de Pós-graduação em Biologia Vegetal (PPGBV/UFPE) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

5. Referências bibliográficas

Agra, M.F. 1982. Contribuição ao estudo das plantas medicinais na Paraíba. **Ciência e Cultura** 33: 64-66.

Agra, M.F.; Silva, M.G. 1993. Plantas medicinais usadas como cosméticos na Paraíba (Brasil) e na literatura. **Revista Brasileira de Farmácia** 74: 42-44.

Agra, M.F.; Rocha, E.A.; Formiga, S.C.; Locatelli, E. 1994. Plantas medicinais dos Cariris Velhos, Paraíba. Parte I: subclasse Asteridae. **Revista Brasileira de Farmácia** 75: 61-64.

Albuquerque, U. P. 2010. Implications of ethnobotanical studies on bioprospecting strategies of new drugs in semi-arid regions. **The Open Complementary Journal** 2: 21-23.

Albuquerque, U. P.; Andrade, L. H. C. 2002. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciencia** 27(7): 336-346.

Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Cunha, L. V. F. C. 2010. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife, PE. NUPPEA.

Almeida, C. F. C. B. R.; Ramos, M. A.; Amorim, E. L. C.; Albuquerque, U. P. 2010. A comparison of knowledge about medicinal plants for three rural communities in the semi-arid region of northeast of Brazil. **Journal of Ethnopharmacology** 127: 674–684.

Alves, R. R. N.; Silva, A. A. G.; Souto, W. M. S.; Barboza, R. R. D. 2007. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia** 4(2): 175-198.

Araújo, A.C.; Silva, J.P.; Cunha, J.L.X.L.; Araújo, J.L.O. 2009. Caracterização socio-econômico-cultural de raizeiros e procedimentos pós-colheita de plantas medicinais comercializadas em Maceió, AL. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 11(1): 81-91.

Arias-Toledo, B. 2009. Diversidad de usos, prácticas de recolección y diferencias según género y edad en el uso de plantas medicinales en Córdoba, Argentina. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas** 8(5): 389 – 401.

Barbosa, A. D.; Santos, M. R. 2009. A nova funcionalidade da agricultura no brejo de Camocim de São Félix. **Anais XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**, São Paulo. Pp. 1-26.

Beltrão, B.A; Mascarenhas, J. C.; Miranda, J. L. F.; Souza Junior, L. C.; Galvão, M. J. T. G.; Pereira, S. N. 2005. **Diagnóstico do município de Camocim de São Félix**. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea do Estado de Pernambuco.

CPRM/PRODECEEM,

Bennett, B. C.; Prance, G. T. 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic Botany** 54(1): 90-120.

Bruneton, J. (1999). **Pharmacognosy, phytochemistry, medicinal plants**. Intercept Scientific, Medical and Technical Publications, London (United Kingdom).

Byg, A.; Balslev, H. 2001. Diversity and use of palms in Zahamena, eastern Madagascar. **Biodiversity and Conservation**, 10: 951-970.

Franco, E.A.P; Barros, R.F.M. 2006. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** 8(3): 78-88.

IBGE, 2010. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**.
<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acessado em: 15/04/2011.

Mori, S.A.; Silva, L.A.M.; Lisboa, G.; Coradin, L. 1989. **Manual de Manejo do Herbário Fanerogâmico**. Ilhéus, Centro de Pesquisa do Cacau.

OMS. Organização Mundial de Saúde, 2002. **The World Health Report: Reducing Risks and, Promoting Healthy Lifestyles**. Geneva, Switzerland.

Pasa, M. C.; Soares, J. J.; Guarim-Neto, G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botânica Brasílica** 19(2): 195-207.

Pires, M. V.; Abreu, P. P.; Soares, C. S.; Souza, B.; Mariano, D.; Silva, D. C.; Rocha, E. A. 2009. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências** 7(1): 3-9.

Silva, A. B.; Rezende, S. B.; Souza, A. R.; Resende, M.; Leite, A. P. 1999. Uso de agrotóxicos no sistema de produção de hortaliças no município de Camocim de São Félix, Pernambuco. Embrapa Solos. **Boletim de Pesquisa** n° 6.

Silva, A. J. R.; Andrade, L. H.C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botânica Brasílica** 19(1): 45-60.

Silva, V.A.; Andrade, L.H.C. 1998. Etnobotânica Xucuru: plantas medicinais. **Revista Brasileira de Farmácia** 79(1/2): 33-36.

Silva, V. A.; Andrade, L. H. C. 2004. O significado cultural das espécies botânicas entre indígenas de Pernambuco: o caso Xucuru. **Biotemas** 17(1): 79-94.

Silva, V.A.; Andrade, L.H.C.; Albuquerque, U.P. 2006. Revising the Cultural Significance index: the case of the Fulni-ô in northeastern Brazil. **Field Methods** 18: 98-108.

Stoffle, R. W.; Evans, M. J.; Olmsted, J. E. 1990. Calculating the cultural significance of american indian plants: paiute and shoshone ethnobotany at Yucca Mountain, Nevada. **American Anthropologist** 92: 416-432.

Torres, D. F.; Oliveira, E. S.; Alves, R. R. N.; Vasconcelos, A. 2009. Etnobotânica e etnozoológia em unidades de conservação: uso da biodiversidade na APA de Genipabu, Rio Grande do Norte, Brasil. **Interciencia** 34(9): 623-629.

Trotter, R.T.; Logan, M.H. 1986. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. In *Plants in Indigenous Medicine and Diet: Biobehavioural Approaches*. **Redgrave Publishers**. Pp. 91-112.

Turner, N. J. 1988. “The importance of a rose”: evaluating the cultural significance of plants in Thompson and Lillooet interior Salish. **American Anthropologist** 90: 272-290.

6. Tabelas

Tabela 1. Caracterização e significado cultural (ISC) das espécies utilizadas pelas comunidades de Camocim de São Félix por família botânica, nome vernacular e categoria de uso (MED – Medicinal, ALI – Alimentícia, ORN – Ornamental, TEC – Tecnológica, TOX – Tóxica, MIS – Mística, ART – Artesanato, REP – Repelente, ARO – Aromática).

Família/ Espécie	Nome Vernacular	Etnocategoria	ISC
ACANTHACEAE			
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	MED	0.25
ADOXACEAE			
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schtdl.	Sabugueira	MED	4.6
AMARANTHACEAE			
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Perpétua-branca	MED	0.05
<i>Amaranthus lividus</i> L.	Bredo	ALI	0.05
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	MED, ALI	2.2
<i>Celosia argentea</i> L.	Crista-de-galo	MED	0.05
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Mastruz	MED	9.45
<i>Iresine herbstii</i> Hook.	Coração	ORN	0.1
<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	Acônito	MED	0.1
AMARYLLIDACEAE			
<i>Allium ascalonicum</i> L.	Cebola-branca	MED	0.6
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola	ALI	4.6
<i>Allium porrum</i> L.	Alho-peroba	ALI	0.05
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	MED, ALI	1.65
<i>Allium schoenoprasum</i> L.	Cebolinha	ALI	0.75
ANACARDIACEAE			
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	MED, ALI, TEC	10.8
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga, Manga-rosa	MED, ALI, TEC	8.4
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	MED	2
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Cabotã	ORN, TEC	0.1
<i>Spondias mombin</i> L.	Siriguela	MED, ALI	0.8
ANNONACEAE			
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	ALI	0.35
<i>Xylopia frutescens</i> Aubl.	Embira	MED	0.025
APIACEAE			
<i>Anethum graveolens</i> L.	Endro	MED	0.2
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	MED, ALI	8
<i>Cuminum cyminum</i> L.	Cominho	MED, ALI	0.2
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	MED, ALI	4.2
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	MED, ALI	3.6
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsinha	ALI	0.05
APOCYNACEAE			
<i>Aspidosperm</i> sp.	Piquiá	TEC	0.05
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Boa-noite	MED, ORN	2.8
<i>Ervatamia coronaria</i> (Jacq) Stapf	Jasmim	ORN	0.4

<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	ORN	0.1
<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim-manga	ORN	0.05
ARACEAE			
<i>Anthurium</i> sp.	Antúrio	ORN	0.1
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	Comigo-ninguém-pode	ORN, TOX, MIS	3.9
<i>Philodendron</i> sp. 1	Imbé	MED	0.05
<i>Philodendron</i> sp. 2	Imbé-de-fonte	MED	0.05
<i>Zantedeschia</i> sp.	Copo-de-leite	ORN	0.1
ARALIACEAE			
<i>Hedera helix</i> L.	Hera	ORN	0.05
ARECACEAE			
<i>Cocos nucifera</i> L.	Côco	MED, ALI, ORN, ART	1.6
<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	Côco-católé	MED, ALI	0.225
ASTERACEAE			
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho-de-cigano	MED	2.125
<i>Acmella uliginosa</i> (Sw.) Cass.	Agrião 1	MED	0.025
<i>Baccharis cinerea</i> DC.	Cessa-furo	MED, ORN	0.15
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	MED	0.15
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert.	Camomila	MED	0.5
<i>Conocliniopsis prasiifolia</i> (DC.) R.M. King & H. Rob.	Mentras-to-roxo	MED	0.025
<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Rabo-de-raposa	MED, TEC	0.1
<i>Dahlia pinnata</i> Cav.	Dália	ORN	0.35
<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L.	Vamora	MED	0.05
<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Macela	ART	0.05
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC.	Emilia	ALI	0.025
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex Walp.	Alcachofra	MED	0.7
<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	MED	0.05
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	ALI	4.4
<i>Leucanthemum vulgare</i> Tourn. ex Lam	Margarida	ORN	0.1
<i>Parthenium hysterophorus</i> L.	Vassourinha-de-relógio	TEC	1.2
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Gogo-de-ema	MED	0.1
<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo-branco, cravo-de-defunto	MED, ORN	0.05
<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	Benedita	ORN	0.05
BEGONIACEAE			
<i>Begonia</i> sp.	Begônia	ORN	0.05
BIGNONIACEAE			
<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	MED	0.025
<i>Tabebuia avellanadae</i> Lorenz ex Griseb.	Pau-d'arco roxo	MED	0.075
BIXACEAE			
<i>Bixa orellana</i> L.	Colorau	ALI	0.05
BORAGINACEAE			
<i>Cordia alliodora</i> (Ruiz & Pav.) Oken	Frei-Jorge	TEC, ORN	0.15
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	MED	0.1

BRASSICACEAE			
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve, couve-flor, repolho	MED, ALI	0.8
<i>Brassica</i> sp.	Mostarda	MED, ALI	0.3
<i>Nasturtium officinale</i> W. T. Aiton	Agrião 2	MED	0.6
BROMELIACEAE			
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	MED, ALI	0.9
<i>Encholirium spectabile</i> Mart. ex Schult. f.	Macambira	ORN	0.025
BURSERACEAE			
<i>Commiphora myrrha</i> (T. Nees) Engl.	Mirra	MED	0.05
CACTACEAE			
<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill	Palma	ALI	0.1
<i>Facheiroa squamosa</i> (Gürke) P.J.Braun & Esteves	Fracheiro	MED	0.025
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	Coroa-de-frade	ORN	0.05
CAMPANULACEAE			
<i>Centropogon cornutus</i> (L.) Druce	Sorriso	ORN	0.05
CAPPARACEAE			
<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	Muçambê	MED	0.05
CARICACEAE			
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	MED, ALI	1
CARYOPHYLLACEAE			
<i>Dianthus chinensis</i> L.	Cravo	ORN, MIS	0.6
CELASTRACEAE			
<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch.	Espinheira-santa	MED	0.025
CHRYSOBALANACEAE			
<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	Guajeru	TEC	0.025
CONVOLVULACEAE			
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata-doce	ALI	0.1
COSTACEAE			
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) SW.	Cana-de-macaco	MED	0.2
CUCURBITACEAE			
<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad	Melancia	MED, ALI	1
<i>Cucumis anguria</i> L.	Melão	ALI	0.2
<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	MED, ALI	2.55
<i>Cucumis</i> sp.	Maxixe	MED, ALI	0.6
<i>Cucurbita moschata</i> (Duchesne) Duchesne ex Poir.	Jerimum	MED, ALI	0.6
<i>Cucurbita</i> sp.	Abobrinha	ALI	0.15
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano	MED	0.025
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	MED, ALI	1.95
CYCADACEAE			
<i>Cycas</i> sp.	Cica	ORN	0.05
DIOSCOREACEAE			
<i>Dioscorea</i> sp.	Cará	ALI	0.05

EUPHORBIACEAE			
<i>Acalypha</i> sp.	Rabo-de-gato	ORN	0.05
<i>Cnidocolus urens</i> (L.) Arthur	Urtiga	MED	0.025
<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A. Juss.	Crote	ORN	0,6
<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	Bem-casado	ORN	0.05
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	MED, ORN, MIS	0.9
<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Macaxeira	MED, ALI	0.8
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	MIS	0.025
FABACEAE			
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira	MED	0.025
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	TEC	0.05
<i>Cassia fistula</i> L.	Acácia	ORN	0.05
<i>Erythrina mulungu</i> Mart. Ex Benth	Mulumgu	MED	0.05
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	MED, TEC	0.1
<i>Inga</i> sp.	Ingá	ORN	0.025
<i>Mimosa caesalpiniiifolia</i> Benth.	Sabiá	TEC	0.075
<i>Mimosa pudica</i> L.	Maliça	MED	0.025
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Will.) Poir.	Jurema-preta	MED, TEC	0.35
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	ALI	0.35
<i>Senna</i> sp.	Sena	MED, ORN	0.05
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	MED	0.15
<i>Vigna sinensis</i> Endl.	Feijão-de-corda	ALI	0.25
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão-verde	ALI	0.05
GESNERIACEAE			
<i>Saintpaulia ionantha</i> H. Wendl.	Violeta	ORN	0.1
HELICONIACEAE			
<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	Heliconia	ORN	0.05
HERNANDIACEAE			
<i>Sparattanthelium botocudorum</i> Mart.	Camundongo	TEC	0.025
HYDRANGEACEAE			
Sem determinação	Hortênciã	MED, ORN	0.4
IRIDACEAE			
<i>Belamcanda chinensis</i> (L.) DC.	Flor de Leopardo	ORN	0.05
<i>Gladiolus</i> sp.	Gladiolo	ORN	0.05
LAMIACEAE			
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Macassá	MED	0.025
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Alfazema-de-caboclo	MED	0.15
<i>Lavandula spica</i> Cav.	Alfazema	MED	0.2
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo – Vick	MED	0.05
<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Hortelã-miúda	MED, ALI	4
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjericão	MED, ALI, MIS	1
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca	MED	0.2
<i>Ocimum</i> sp.	Louro	MED	0.8
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã-graúda	MED	5

<i>Plectranthus grandis</i> (L. H.Cramer) R. Willemse	Boldo	MED	2.6
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	MED, ALI	2.1
<i>Solenostemon scutellarioides</i> (L.) Codd	Coração magoado	ORN	0.1
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Liamba	MED, MIS, TEC	0.3
LAURACEAE			
<i>Nectandra cuspidata</i> Ness & Mart.	Canela	MED	0.8
<i>Ocotea glomerata</i> (Ness) Mez	Louro	ALI, TEC	0.35
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	MED, ALI	4
LILIACEAE			
<i>Lilium</i> sp.1	Lírio	ORN	0.1
<i>Lilium</i> sp.2	Lírio-branco	ORN	0.05
LYTHRACEAE			
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	MED	0.5
MALPIGHIACEAE			
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Acerola	MED, ALI	2.85
MALVACEAE			
<i>Abutilon striatum</i> Dicks. ex Lindl.	Papoula-abaju	ORN	0.1
<i>Gossypium barbadense</i> L.	Algodão	ORN	0.05
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	MED	0.025
<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Quiabo	ALI	0.35
<i>Malva</i> sp.	Malva-rosa	MED, MIS	0.5
<i>Hibiscus</i> sp.1	Papoula 1	ORN	0.25
<i>Hibiscus</i> sp.2	Papoula 2	ORN	0.05
MELIACEAE			
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Nim	REP	0.05
MONIMIACEAE			
<i>Peumus boldus</i> Molina	Boldo-do-chile	MED	0.05
MORACEAE			
<i>Artocarpus integrifolia</i> L. f.	Jaca	ALI, TEC	2.85
<i>Ficus carica</i> L.	Figo	MED, ALI	0.2
<i>Morus nigra</i> L.	Amora	MED	0.05
MUSACEAE			
<i>Musa paradisiaca</i> L.	Banana-prata	MED, ALI	7,25
MYRTACEAE			
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	MED, TEC, ARO	3
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	MED, ALI	2.1
<i>Myrciaria jaboticaba</i> (Vell.) O. Berg	Jaboticaba	ALI	0.05
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba, goiaba-branca	MED, ALI	3.4
<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araçá	MED	0.05
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo-da-índia	ALI	0.05
<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Azeitona	ALI	0.05
<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambo	ALI, ORN	0.7
NYCTAGINACEAE			
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Pega-pinto	MED	0.05

<i>Bougainvillea</i> sp.	Buguervilho	ORN	0.05
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Maravilha	ORN	0.1
ORCHIDACEAE			
<i>Cattleya labiata</i> Lindl.	Orquídia	ORN	0.4
OXALIDACEAE			
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	MED, ALI	0.6
PASSIFLORACEAE			
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	MED, ALI	3
<i>Passiflora</i> sp.	Maracujá-açu	MED	0.05
PHYLLANTHACEAE			
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	MED	0.6
PHYTOLACCACEAE			
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Timpim	MED	0.025
PLANTAGINACEAE			
<i>Plantago major</i> L.	Transage	MED	0.05
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	MIS	0.25
PLUMBAGINACEAE			
<i>Plumbago</i> sp.	Nuvem	ORN	0.15
POACEAE			
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-santo	MED	10.8
<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	Citronela	REP	0.05
<i>Oryza sativa</i> L.	Arroz	ALI	0.05
<i>Phalaris canariensis</i> L.	Alpiste	ALI	0.05
<i>Zea mays</i> L.	Milho	ALI	0.3
POLYGONACEAE			
<i>Antigonon leptopus</i> Hook. & Arn.	Amor-agarradinho	ORN	0.05
RHAMNACEAE			
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá	MED	0.025
ROSACEAE			
<i>Pyrus malus</i> L.	Maçã	MED, ALI	1.8
<i>Rosa</i> sp.	Rosa, Rosa branca	MED, ORN, MIS	6
RUBIACEAE			
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Meyer	Vassourinha-de-botão	MED, TEC, MIS	1.8
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	ALI	0.05
RUTACEAE			
<i>Citrus limetta</i> Risso	Lima	MED	0.05
<i>Citrus limonia</i> Osbeck	Limão	MED, ALI, TEC	0.8
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Laranja-cravo	MED, ALI	0.6
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	MED, ALI, ORN	14.8
<i>Citrus</i> sp.	Laranja-de-umbigo	MED, ALI	0.3
<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jack	Jasmim-laranja	ORN	0.1
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	MED, MIS, TOX	2.25
SAPINDACEAE			
<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitomba	ALI	0.05
SAPOTACEAE			

<i>Manilkara huberi</i> (Ducke) A. Chev.	Maçaranduba	TEC	0.025
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	Quixaba	MED	0.05
SCHISANDRACEAE			
<i>Illicium verum</i> Hook. f.	Anis-estrelado	MED, MIS	0.4
SOLANACEAE			
<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimentão	ALI	5.2
<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Pimenta-de-cheiro	ALI	0.1
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	ALI, MIS	0.4
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate	ALI	7.6
<i>Solanum gilo</i> Raddi	Jiló	MED, ALI	0.1
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	MED	0.025
<i>Solanum tuberosum</i> L.	Batatinha	MED, ALI	6
THEACEAE			
<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Chá-preto	MED	0.05
URTICACEAE			
<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Zezinho	ORN	0.05
VERBENACEAE			
<i>Duranta repens</i> L.	Pingo-de-ouro	ORN	0.1
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira	MED	10
<i>Lippia berlandieri</i> Schauer	Orégano	ALI	0.05
VIOLACEAE			
<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	Pepaconha	MED	0.025
VITACEAE			
<i>Cissus verticillata</i> L. Nicolson & C.E. Jarvis	Insulina	MED	0.025
<i>Leea coccinea</i> Planch.	Cafezinho	ORN	0.4
<i>Vitis vinifera</i> L.	Uva	ALI	1
XANTHORRHOACEAE			
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Erva-babosa	MED	0.25
ZINGIBERACEAE			
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) BL. Burt & R.M.Sm.	Colônia	MED	3
<i>Zingiber officinale</i> Roscae	Gengibre	MED, ALI	0.1
INDETERMINADA			
Sem determinação	Macaxeira-do-mato	TEC	0.1

Tabela 2. Concordância do conhecimento dos entrevistados sobre as plantas pela população rural de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil, indicadas para tratamento de transtornos de diferentes sistemas corporais. Siglas de acordo com o Código Internacional de Doenças (CID-10). 2010.

Sistemas corporais	Sigla	Nº de plantas	FCI
Doenças do aparelho digestório	DAD	37	0.782
Transtornos mentais e comportamentais	TMC	13	0.766
Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte	SSA	62	0.728
Doenças infecciosas e parasitárias	DIP	6	0.667
Doença do aparelho respiratório	DAR	30	0.453
Doenças do aparelho geniturinário	DAG	25	0.452
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	DPT	14	0.316
Doença do aparelho circulatório	DAC	15	0.3
Doenças do ouvido e da apófise mastoide	DOM	6	0.286
Lesões, envenenamentos e algumas outras conseqüências de causas externas	LCE	16	0.118
Neoplasmas (tumores)	NEO	9	0.111
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários	DSH	2	0
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	DEN	2	0
Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	DOC	8	0
Gravidez, parto e puerpério	GPP	3	0
Doença do olho e anexo	DOA	1	0

Tabela 3. Caracterização, importância relativa (IR) e consenso de uso (UC_s) das espécies medicinais citadas pelos moradores rurais de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Espécie	Nome Vernacular	Parte da Planta	Forma de uso	Indicação terapêutica	IR	UCs
<i>Acanthospermum hispidum</i>	Espinho-de-cigano	Raiz, espinho	Chá, Lambedor Chá - gargarejo	Tosse, cicatrizante, odontalgia (dor de dente), infecção vaginal (escorrimento), inflamação na garganta, problemas renais Tosse, asma Inflamação na garganta	1.714	0.274
<i>Acmella uliginosa</i>	Agrião 1	Folha Flor	Chá Mastiga e engole	Inflamação na garganta	0.286	0.016
<i>Aeollanthus suaveolens</i>	Macassá	Folha	Espremida	Otalgia (dor de ouvido)	0.286	0.016
<i>Allium ascalonicum</i>	Cebola-branca	Bulbo, casca	Lambedor, inalar o vapor, na cachaça	Tosse, asma	0.857	0.064
<i>Allium sativum</i>	Alho	Casca	Queimar e inalar o vapor	Asma	0.286	0.016
<i>Aloe vera</i>	Erva-babosa	Folha	Mucilagem (Baba)	Infecção, inflamação, cuidados com o cabelo, hemorróida, dor	1.571	0.081
<i>Alpinia zerumbet</i>	Colônia	Folha, flor	Banho, chá, lambedor	Febre, gripe, tosse, controle da pressão arterial	1	0.242
<i>Alternanthera brasiliana</i>	Perpétua-branca	Flor	Chá	Controle da pressão arterial	0.286	0.016
<i>Anacardium occidentale</i>	Caju, caju-roxo	Casca Folha	Chá, garrafada e banho Chá	Cefaléia, febre, inflamação, infecção vaginal (escorrimento) Cólica	1	0.161
<i>Anethum graveolens</i>	Endro	Folha Semente	Chá Chá	Asma, cólica	0.571	0.032
<i>Ananas comosus</i>	Abacaxi	Fruto	Lambedor	Gripe, tosse	0.714	0.048
<i>Averrhoa carambola</i>	Carambola	Folha	Chá	Problemas renais	0.286	0.032
<i>Baccharis cinérea</i>	Cessa-furo	Folha	Chá	Tosse	0.286	0.016
<i>Beta vulgaris</i>	Beterraba	Raiz	Lambedor Comer, suco	Gripe, tosse Anemia	0.857	0.048
<i>Bidens pilosa</i>	Picão	Folha	Chá Uso tópico	Asma Inflamação, dermatites (problema na pele)	0.857	0.048
<i>Boerhavia diffusa</i>	Pega-pinto	Raiz	Chá	Infecção urinária, inflamação, câncer	0.857	0.032
<i>Borreria verticillata</i>	Vassourinha-de-botão	Raiz, flor	Chá, uso tópico	Hemorróida	0.286	0.048
<i>Bowdichia virgilioides</i>	Sucupira	Semente	Chá (triturada)	Dor na coluna vertebral	0.286	0.016

<i>Brassica oleracea</i>	Couve	Folha	Suco	Gastrite	0.286	0.032
<i>Brassica sp.</i>	Mostarda	Semente	Chá Na comida	Ressaca Inchaço	0.571	0.016
<i>Camellia sinensis</i>	Chá-preto	Folha	Chá	Cólica	0.286	0.016
<i>Carica papaya</i>	Mamão	Fruto	Lambedor Comer	Tosse Constipação	0.571	0.032
<i>Catharanthus roseus</i>	Boa-noite	Flor	Chá	AVC, tosse, calmante, recuperar a voz após o derrame	0.857	0.113
<i>Celosia argentea</i>	Crista-de-galo	Folha	Chá	Suspender a menstruação	0.286	0.016
<i>Chamomilla recutita</i>	Camomila	Folha, flor	Chá	Calmante	0.286	0.081
<i>Cissus verticillata</i>	Insulina	Folha	Chá	AVC	0.286	0.016
<i>Citrullus vulgaris</i>	Melancia	Semente	Chá	Febre	0.286	0.016
<i>Citrus limetta</i>	Lima	Folha	Chá	Febre	0.286	0.016
<i>Citrus limonia</i>	Limão	Folha, fruto	Suco Lambedor Chá	Angina, gripe, tosse Tosse Gripe	0.857	0.064
<i>Citrus reticulata</i>	Laranja-cravo	Folha Semente	Chá, lambedor Chá	Labirintite, cólica, gripe Cefaléia	1.143	0.064
<i>Citrus sinensis</i>	Laranja	Folha Fruto Casca do fruto	Chá, lambedor Comer Chá	Calmante, cólica, gripe Constipação Labirintite	1.286	0.29
<i>Citrus sp.</i>	Laranja-de-umbigo	Folha	Chá	Icterícia	0.286	0.032
<i>Cleome spinosa</i>	Muçambê	Folha	Chá	Tosse	0.286	0.032
<i>Cnidioscolus urens</i>	Urtiga	Folha	Chá	Dor na coluna vertebral	0.286	0.016
<i>Cocos nucifera</i>	Côco	Fruto	Água e Chá da fibra	Icterícia – hepatite	0.286	0.016
<i>Commiphora myrrha</i>	Mirra	Folha	Chá	Cólica menstrual	0.286	0.016
<i>Conocliniopsis prasiifolia</i>	Mentrasto-roxo	Folha	Macara - uso tópico	Queratose (rachadura-no-pé)	0.286	0.016
<i>Conyza bonariensis</i>	Rabo-de-raposa	Partes aéreas	Macara e diluí em solução alcoólica, uso tópico	Dermatomicose (pano-branco)	0.571	0.032
<i>Coriandrum sativum</i>	Coentro	Semente	Chá	Cólica	0.429	0.016
<i>Costus spicatus</i>	Cana-de-macaco	Folha	Mastigar Chá	Hepatite, infecção urinária Dor na coluna vertebral, problemas renais	0.857	0.064
<i>Crescentia cujete</i>	Coité	Folha	Chá	Problemas renais	0.286	0.016
<i>Cucumis sativus</i>	Pepino	Fruto	Lambedor, chá	Gripe, tosse	0.571	0.032
<i>Cucumis sp.</i>	Maxixe	Fruto	Comer	Labirintite	0.286	0.016

<i>Cucurbita moschata</i>	Jerimum	Flor	Macera	Otalgia	0.286	0.016
<i>Cuminum cyminum</i>	Cominho	Semente	Chá	Controle do ciclo menstrual	0.286	0.016
<i>Cymbopogon citratus</i>	Capim-santo	Folha	Chá	Cólica, indigestão, calmante, gripe, controle da pressão arterial, problemas na vesícula biliar, dor no corpo	2	0.581
			Banho	Gripe, febre		
<i>Daucus carota</i>	Cenoura	Raiz	Lambedor, comer	Tosse	0.571	0.032
			Chá	Cólica, vermífugo, gripe, tosse		
<i>Dysphania ambrosioides</i>	Mastruz	Folha	Triturado com leite	Vermífugo, tosse	1.571	0.355
			Lambedor	Gripe, tosse		
			Ralado	Hematoma		
			<i>In natura</i> - inalar	Cefaléia		
<i>Eclipta prostrata</i>	Vamora	Folha	Lambedor	Gripe	0.571	0.032
			Chá – uso tópico	Hematoma		
<i>Erythrina mulungu</i>	Mulumgu	Folha	Chá	Calmante	0.571	0.032
		Casca	Chá	Inchaço		
<i>Eucalyptus globulus</i>	Eucalipto	Folha	Chá - banho	Gripe, febre	0.857	0.177
			Chá - inalação	Asma		
			Chá	Febre		
			Lambedor	Tosse, febre		
<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	Casca		Cólica abdominal, enjôo	0.714	0.21
		Folha	Chá	Cólica abdominal, enjôo, gripe		
		Semente		Dspesia		
<i>Facheiroa squamosa</i>	Fracheiro	Folha	Cozinha	Problemas renais	0.286	0.016
<i>Ficus carica</i>	Figo	Folha, fruto	Chá	Problemas hepáticos	0.286	0.016
<i>Guazuma ulmifolia</i>	Mutamba	Folha	Chá	Cólica	0.286	0.016
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i>	Alcachofra	Folha	Chá	Problemas hepáticos, enjôo, cólica	0.714	0.113
<i>Helianthus annuus</i>	Girassol	Semente	Chá	Epilepsia	0.286	0.016
<i>Hybanthus calceolaria</i>	Pepaconha	Raiz	Chá	Tosse	0.286	0.016
<i>Hymenaea courbaril</i>	Jatobá	Casca	Chá	Prostatite, problemas renais	0.571	0.016
<i>Hyptis suaveolens</i>	Alfazema-de-caboclo	Folha	Chá	Cicatrizante	0.571	0.048
<i>Illicium verum</i>	Anis-estrelado	Fruto	Chá	Dor	0.857	0.048
		Semente	Chá	Infecção urinária		
		Semente	Garrafada	Cicatrizante		
<i>Jatropha gossypifolia</i>	Pinhão-roxo	Látex	Direto	Cicatrizante	0.286	0.016

<i>Justicia pectoralis</i>	Anador	Folha	Chá	Cefaléia, cólica	0.571	0.081
<i>Lavandula spica</i>	Alfazema	Folha	Chá	Gastrite, cólica, cicatrizante	0.857	0.064
<i>Lippia alba</i>	Cidreira	Folha	Chá	Cefaléia, cólica, dor no corpo, febre, calmante	1.429	0.645
<i>Malpighia emarginata</i>	Acerola	Folha	Lambedor	Gripe	0.286	0.016
<i>Malva sp.</i>	Malva-rosa	Folha	Chá Banho	Dor, controle do ciclo menstrual Gripe, dor	0.857	0.064
<i>Mangifera indica</i>	Manga	Folha	Chá	Tosse, cólica	0.571	0.064
<i>Manihot esculenta</i>	Macaxeira	Goma	Água	Cólica menstrual	0.286	0.016
<i>Maytenus ilicifolia</i>	Espinheira-santa	Folha	Chá	Gastrite	0.286	0.016
<i>Mentha pulegium</i>	Poejo – Vick	Folha	Chá	Cólica, resfriado, tosse, cefaléia	0.857	0.016
<i>Mentha x villosa</i>	Hortelã-miúda	Folha	Chá Chá - inalar Lambedor Triturado com leite	AVC, cefaléia, cólica, constipação, dor, enjôo, gripe, vermífugo Cefaléia Tosse Vermífugo	1.714	0.258
<i>Mimosa pudica</i>	Maliça	Raiz	Chá	Inflamação, câncer de próstata	0.571	0.016
<i>Mimosa tenuiflora</i>	Jurema-preta	Casca	Assento	Inflamação	0.286	0.016
<i>Momordica charantia</i>	Melão-de-são-caetano	Folha	Chá	Eczema	0.286	0.016
<i>Morus nigra</i>	Amora	Folha	Chá	Controle do colesterol, inchaço, calor da menopausa	0.714	0.016
<i>Musa paradisiaca</i>	Banana-prata	Látex Fruto Fruto	Uso tópico Lambedor Macerado	Cicatrizante Tosse Cuidados com o cabelo	0.857	0.032
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	Casca Casca Folha	Chá, uso tópico Garrafada Chá, uso tópico	Câncer, inflamação, infecção vaginal (escorrimento) Cefaleia, hematoma, inflamação Infecção urinária, inflamação	1.429	0.161
<i>Nasturtium officinale</i>	Agrião 2	Folha	Chá Lambedor	Gripe, tosse Asma, tosse, gripe	0.714	0.064
<i>Nectandra cuspidata</i>	Canela	Folha	Chá	Cólica	0.429	0.129
<i>Ocimum basilicum</i>	Manjericão	Folha	Banho Chá	Gripe Cefaléia, gripe	0.857	0.097
<i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavaca	Folha Semente	Chá <i>In natura</i>	Dor Retirar corpo estranho dos olhos	0.714	0.064
<i>Ocimum sp.</i>	Louro	Folha	Chá	Cólica, gripe, febre, cefaléia, infecção urinária	1.286	0.403
<i>Passiflora edulis</i>	Maracujá	Folha, Fruto Folha, fruto	Chá Comer Lambedor	Calmante Calmante Gripe, tosse	0.857	0.145

<i>Passiflora sp.</i>	Maracujá-açu	Folha	Chá	Calmante	0.286	0.016
<i>Persea americana</i>	Abacate	Folha	Chá	Cefaléia, febre, cólica, problemas renais, problemas hepáticos, ressaca	1.571	0.145
		Fruto	Machucado	Cuidados com o cabelo		
<i>Petiveria alliacea</i>	Timpim	Folha	Esfrega	Dor muscular	0.286	0.016
<i>Peumus boldus</i>	Boldo-do-chile	Folha	Chá	Cólica	0.286	0.016
<i>Pfaffia glomerata</i>	Acônito	Folha	Chá	Febre	0.286	0.032
<i>Philodendron sp. 1</i>	Imbé	Folha	Chá (lavar a perna)	Perna inchada	0.286	0.016
<i>Philodendron sp. 2</i>	Imbé-de-fonte	Folha	Chá (lavar a boca)	Odontalgia	0.286	0.016
<i>Phyllanthus niruri</i>	Quebra-pedra	Folha	Chá	Problemas renais, infecção urinária, problemas na vesícula biliar	1.143	0.097
<i>Pimpinella anisum</i>	Erva-doce	Folha	Chá, banho	Rubéola	1.143	0.193
		Folha	Chá	Cólica, dispesia, calmante		
		Semente	Chá	Cólica		
<i>Plantago major</i>	Transage	Folha	Chá	Tosse, inflamação na garganta	0.429	0.032
<i>Plectranthus amboinicus</i>	Hortelã-graúda	Folha	Chá	Tosse, cefaléia, inflamação	1	0.21
			Macera	Otalgia		
			Lambedor	Gripe, tosse		
<i>Plectranthus grandis</i>	Boldo	Folha	Chá	Cefaléia, cólica, diarreia	1	0.226
<i>Psidium guajava</i>	Goiaba, goiaba-branca	Folha	Chá	Cólica	0.571	0.113
<i>Psidium guineense</i>	Araçá	Folha	Chá	Cólica	0.286	0.016
<i>Punica granatum</i>	Romã	Casca, fruto	Chá, gargarejo	Inflamação na garganta	0.857	0.081
		Folha	Chá	Cólica		
<i>Pyrus malus</i>	Maçã	Fruto	Comer	Controle da pressão arterial, evitar câncer	0.571	0.016
<i>Rosa sp.</i>	Rosa, Rosa branca	Flor	Chá	Calmante, tosse	0.571	0.064
<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	Folha	Chá	Controle da pressão arterial, gastrite, dor, cefaléia, dor no corpo	1.571	0.129
			Chá – uso tópico	Hemorróia, gripe		
			Lambedor	Gripe, tosse		
			No vinho branco	Melhorar a memória		
<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	Folha	Chá	Dor, cefaléia, cólica	0.714	0.193
			Coloca na cabeça	Cefaléia		
			Macera (sumo no ouvido)	Otalgia		
			Passa no liquidificador (com cachaça)	Cólica		
			Chá	Cefaléia, febre, tosse, gripe		

<i>Sambucus australis</i>	Sabugueira	Flor	Chá - banho Lambedor	Tosse Gripe, tosse, asma	1	0.371
<i>Sechium edule</i>	Chuchu	Fruto	Comer	Controle da pressão arterial	0.286	0.016
<i>Senna sp.</i>	Sena	Chá	Folha	Cólica abdominal	0.286	0.016
<i>Sideroxylon obtusifolium</i>	Quixaba	Casca	Chá Garrafada	Inflamação Cicatrizante	0.571	0.032
<i>Solanum gilo</i>	Jiló	Fruto	Chá	Diabete	0.286	0.016
<i>Solanum paniculatum</i>	Jurubeba	Semente	Chá	Inflamação na garganta	0.286	0.016
<i>Solanum tuberosum</i>	Batatinha	Tubérculo	Comer Rodela na cabeça	Evitar câncer Cefaléia	0.571	0.081
<i>Sonchus oleraceus</i>	Gogo-de-ema	Raiz Látex	Lambedor Uso tópico	Tosse Queilite angular (boqueira)	0.571	0.032
<i>Spondias mombin</i>	Siriguela	Folha	Chá	Cólica	0.286	0.016
<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Barbatimão	Casca	Chá Garrafada	Hematoma Hematoma, inflamação	0.571	0.048
<i>Syagrus cearenses</i>	Côco-católé	Raiz	Chá	Dor na coluna vertebral, câncer	0.571	0.032
<i>Symphytum officinale</i>	Confrei	Folha	Chá	Infecção urinária, inflamação	0.571	0.032
<i>Tabebuia avellanadae</i>	Pau-d'arco roxo	Casca	Chá Chá – uso tópico	Câncer, infecção vaginal (escorrimento) Inflamação	0.857	0.048
<i>Tagetes erecta</i>	Cravo-branco	Flor	Chá	Calmante	0.286	0.016
<i>Vitex agnus-castus</i>	Liamba	Folha	Garrafada	Cefaléia	0.286	0.032
<i>Xylopia frutescens</i>	Embira	Semente	Garrafada	Anemia	0.286	0.016
<i>Zingiber officinale</i>	Gengibre	Raiz	Suco	Perder peso	0.286	0.016
<i>Ziziphus joazeiro</i>	Juá	Casca	Banho	Cicatrizante	0.286	0.016
Sem determinação	Hortência	Folha	Chá	Asma	0.286	0.016

Capítulo 2

Utilização de espécies de Asteraceae por comunidades rurais nordestinas: relatos em Camocim de São Felix, Pernambuco

Manuscrito a ser submetido ao periódico *Biotemas*.

Utilização de espécies de Asteraceae por comunidades rurais nordestinas: relatos em Camocim de São Félix, Pernambuco

Aryêcha Arruda da Silva; Laís Costa Rodrigues; Raquel Barbosa da Silva; Laise de Holanda Cavalcanti Andrade.

RESUMO

(Utilização de espécies de Asteraceae por comunidades rurais nordestinas: relatos em Camocim de São Félix, Pernambuco). Asteraceae, com aproximadamente 2.000 espécies registradas no Brasil, destaca-se nos estudos etnobotânicos, posicionando-se quase sempre entre as quatro famílias com maior número de espécies na flora útil, principalmente para fins medicinais. No presente estudo investigou-se a importância desta família em quatro comunidades rurais do município de Camocim de São Félix, em um brejo de altitude, no agreste de Pernambuco. Os trabalhos de campo foram realizados no período de dezembro/2010 a maio/2011, entrevistando-se 50 moradores de ambos os sexos, na maioria agricultores, com renda familiar inferior a um salário mínimo e coletando-se as espécies por eles citadas. Os entrevistados mostraram um diversificado conhecimento sobre as Asteraceae, citando 19 espécies, nas categorias: medicinal (12), ornamental (6), alimentício (2), tecnológico (2) e artesanal (1), algumas citadas em mais de uma categoria. *Acanthospermum hispidum* DC., espécie ruderal conhecida como espinho-de-cigano, foi a planta mais citada como medicinal, indicada para o tratamento de problemas respiratórios, infecções, doenças renais e odontalgias. As espécies *Dahlia pinnata* Cav., *Tagetes erecta* L. e *Zinnia elegans* Jacq. são utilizadas como ornamentais. *Lactuca sativa* L. (cultivada) e *Emilia sonchifolia* (L.) DC. (daninha) foram as únicas citadas como alimentícias, e *Conyza bonariensis* (L.) Cronquist e *Parthenium hysterophorus* L. para uso tecnológico.

Palavras-chave: Compositae, Etnobotânica, *Acanthospermum hispidum*, Brejo.

ABSTRACT

(Use of Asteraceae species by rural communities in the Northeast: reports in Camocim de São Félix, Pernambuco). Asteraceae, with approximately 2.000 species recorded in the Brazil, stands out in ethnobotanical studies, placing it almost always among the four families with the largest number of species in the useful flora, especially for medicinal purposes. The present study investigated the importance of this family in four rural communities in the Camocim de São Félix municipality, a region of permanent watercourses in the Agreste Zone of Pernambuco State. The field work was carried out from December/2010 to May/2011, interviewing 50 persons of both sexes, mostly farmers, with household income lower than the minimum wage and collecting the species mentioned by them. Interviewed showed a diverse knowledge of the Asteraceae, mentioning 19 species in following categories: medicinal (12), ornamental (6), food (2), technology (2) and craft (1), some mentioned in more than a category. *Acanthospermum hispidum* DC., ruderal specy know as “gypsy-thorn”, was the most frequently mentioned as medicinal plant, indicated for the treatment of respiratory problems, infections, kidney disease and odontologies. The species *Dahlia pinnata* Cav., *Tagetes erecta* L. e *Zinnia elegans* Jacq. are used as ornamentals. *Lactuc sativa* L. (cultived)

and *Emilia sonchifolia* (L.) DC. (weed) were the only mentioned as food, and *Conyza bonariensis* (L.) Cronquist and *Parthenium hysterophorus* L. for technological purpose.

Keywords: Compositae, Ethnobotany, *Acanthospermum hispidum*, Brejo.

1 Introdução

As Asteraceae (Dumortier) possuem distribuição cosmopolita e constituem a maior família de Eudicotiledôneas, com 1.600 gêneros e 25.000 espécies, distribuídas em 17 tribos (BREMER, 1994). Estima-se que cerca de metade das espécies ocorrem no Novo Mundo e no Brasil tem-se registros de aproximadamente 250 gêneros e 2.000 espécies, distribuídas em todo o território nacional (HIND, 1993; PEREIRA, 2001; SOUZA; LORENZI, 2008).

Podem ser ervas, subarbustos, arbusto, pequenas árvores ou lianas, com folhas alternas ou opostas, raramente verticiladas, simples, margem inteira ou serrada. As inflorescências são capítulos envolvidos por brácteas, formando um involúcro. As flores são todas iguais entre si, ou diferenciadas em flores do raio e flores do disco. As primeiras são altamente modificadas, podendo ser estéreis e possuir corola hipertrofiada, as flores do disco são bissexuadas ou raramente unissexuadas. O fruto é do tipo cipsela, com papilho geralmente persistente (SOUZA, 2005).

Do ponto de vista econômico, cerca de 40 espécies têm importância direta na alimentação humana, como alface e chicória, e indireta na obtenção de produtos, como girassol, camomila e carqueja. Espécies silvestres têm potencial nutricional, muitas são de interesse tecnológico ou ornamental, e centenas produzem metabólitos secundários de uso farmacêutico ou industrial ou fornecem néctar e pólen para a apicultura e também forragem para a produção pecuária (VITTO; PETENATTI, 2009).

A pesquisa etnobotânica, considerada como mediadora entre o discurso científico e o saber tradicional (SILVA et al., 2009), demonstra que o uso de muitas espécies de Asteraceae tem ajudado no progresso e sustento de grande número de povos em todo o mundo, satisfazendo suas necessidades de alimento, forragem, lenha e remédios (VITTO; PETENATTI, 2009). Muitas plantas dessa família são conhecidas pelas suas propriedades medicinais e diversas espécies possuem atividade analgésica, antiinflamatória e antimicrobiana comprovadas (LORENZI; MATOS, 2002), por produzirem compostos

químicos bastante promissores, sendo de grande interesse para a indústria farmacêutica (ARAÚJO et al., 2008).

Na flora nativa da Caatinga, as Asteraceae estão representadas por cem gêneros e 267 espécies, pouco mais da metade endêmica deste bioma (FORZZA et al., 2010), e várias exóticas são cultivadas como alimentícias ou ornamentais, porém o número de espécies utilizadas pela população ainda é restrita a algumas espécies, sendo necessário estudos que ampliem o número de espécies úteis para um melhor aproveitamento da flora disponível. Diante disto, no presente trabalho investigou-se a importância das Asteraceae em comunidades rurais do agreste de Pernambuco, que integra a região semiárida do Brasil.

2 Metodologia

O território do município de Camocim de São Félix corresponde a **53,58 km²** e está localizado na Mesorregião Agreste e na Microrregião Brejo do Estado de Pernambuco, nos domínios da Bacia Hidrográfica do rio Sirinhaém (BELTRÃO et al., 2005). Está inserido na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, a uma altitude de 691 m, sob clima tropical chuvoso, com verão seco, e a vegetação predominante é formada por Florestas Subcaducifólias (BELTRÃO et al., 2005).

A pecuária é predominante na área, concomitantemente com a horticultura (tomate, *Lycopersicon esculentum* L.; pimentão, *Capsicum annuum* L.; pepino, *Cucumis sativus* L.; acelga, *Beta vulgaris* var. *cicla* L.; etc.) e a floricultura (BARBOSA; SANTOS, 2009). No período chuvoso (abril a agosto), são cultivados, principalmente, milho (*Zea mays* L.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.) e feijão (*Phaseolus vulgaris* L.). As hortaliças são cultivadas apenas nos meses mais secos, de setembro a março (SILVA et al., 1999).

Tropeiros que viajavam em busca de trabalho pela região onde hoje se encontra o município contribuíram para o surgimento dos primeiros povoados por volta de 1890, originando-se Camocituba, reconhecido como distrito de Bezerros em 1893; em 1953 houve a emancipação política e o novo município recebeu o nome Camocim de São Felix, devido à existência de uma igreja católica dedicada a São Félix de Cantalice no local (BARBOSA; SANTOS, 2009). Distanto aproximadamente 103 km da capital do estado, e com uma

população de 17.093 habitantes, dos quais 14.320 se concentram na área urbana (IBGE, 2010), oferece condições de atendimento médico e educacional básicos, dispondo de uma unidade de saúde e 94 salas de aula, sendo 12 da rede estadual, 61 municipais e 21 particulares (BELTRÃO et al., 2005).

O presente estudo foi realizado nas comunidades rurais Sítio Mondé dos Cabrais, Sítio Palmeira, Sítio Santa Luzia e Sítio Brejinho, localizadas na periferia do município, onde moram famílias de agricultores que trabalham na região. Para coleta dos dados etnobotânicos foram realizadas entrevistas semiestruturadas no período de dezembro de 2010 a março de 2011, e as pessoas foram abordadas em suas residências e os 50 moradores que concordaram em participar da pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, como recomendado por Albuquerque e Hanazaki (2006). Os formulários empregados nas entrevistas continham perguntas para coletas de dados socioeconômicos e dados etnobotânicos abordando todos os tipos de conhecimento sobre plantas e sua utilização, e foi realizada a técnica de turnê guiada, junto com os entrevistados, que identificaram as espécies citadas presentes na região.

Após os entrevistados citarem todas as espécies vegetais que consideravam úteis, para levantar dados sobre as Asteraceae que ocorrem na região foi empregada uma pergunta-chave: “Você conhece esta planta?” ao mesmo tempo em que foi empregada a técnica de estímulo visual (GARCIA, 2006; MONTEIRO et al., 2006a; 2006b), onde foi exibido ao entrevistado, sempre na mesma sequência, fotos de plantas, com flor ou fruto, de 27 espécies de Asteraceae, todas ruderais, com ocorrência já conhecida para a região. Quando a resposta foi afirmativa, foi perguntado também se a planta tinha alguma utilização, considerando-se as seguintes etnocategorias: medicinal, alimentícia, ornamental, tecnológica e artesanato.

O material botânico coletado com ajuda dos informantes foi herborizado (MORI et al., 1989) e depositado no Herbário Geraldo Mariz (UFP). As identificações das espécies foram efetuadas através de consulta a exsiccatas previamente identificadas por especialistas e depositadas no herbário UFP.

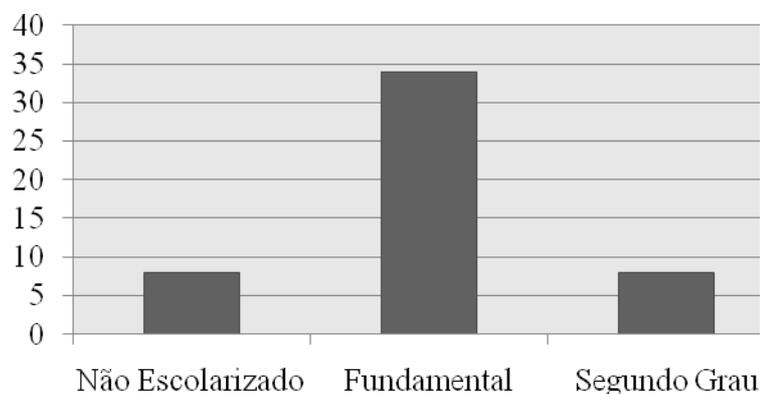
3. Resultados e discussão

Como é costume na zona rural do agreste pernambucano, os homens regressam ao lar apenas no fim do dia, e não se mostraram dispostos a participar das entrevistas. Dessa forma, apenas três agricultores e um trabalhador da sementeira da comunidade, com faixa etária dos 20 aos 62 anos, concordaram em participar da pesquisa, predominando assim informações fornecidas pelas mulheres (92%).

A maioria dos entrevistados encontrava-se nas faixas etárias dos 31 aos 45 anos (36%) e 46 aos 60 anos (28%); apenas 20% são adolescentes ou jovens, entre 15 e 30 anos de idade e 16% são idosos, entre 61 e 80 anos. Considerando a origem, constatou-se que há pouca influência de culturas externas, pois, apesar da maioria ser oriunda de outros municípios, a maioria nasceu na Microrregião do Brejo: 36% nasceram em Camocim de São Felix, 14% em Sairé, 8% em Bonito, 4% em São Joaquim do Monte e 6% em Agrestina; o restante provém de municípios próximos, como Bezerros (22%), Caruaru (22%) e São Caetano (2%), situados na Microrregião do Vale do Ipojuca, sendo apenas 2% na Mesorregião do Sertão Pernambucano (Iguaracy), 2% nascidos em Cortês, na Microrregião da Mata Meridional e 2% na Mesorregião Recife, no litoral do estado.

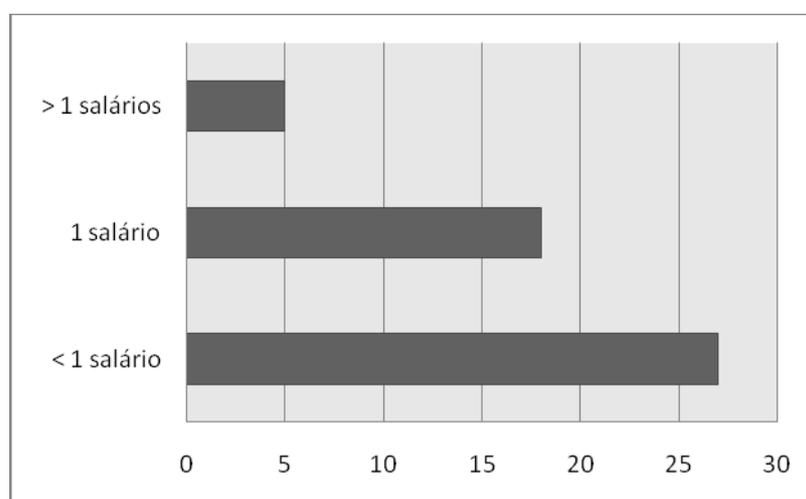
A agricultura foi indicada como a ocupação de grande parte dos entrevistados, mesmo não exercendo mais a profissão. Apesar de 68% ter cursado o ensino fundamental, parte dos entrevistados afirmou saber apenas assinar o próprio nome (Fig. 1).

FIGURA 1: Nível de escolaridade dos entrevistados do estudo etnobotânico realizado em quatro comunidades rurais de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil.



A renda familiar da maioria dos entrevistados é muito baixa e apenas 10% tem o rendimento mensal maior que um salário mínimo (Fig. 2). Se for considerada a renda per capita de cada família, cerca da metade das pessoas (54%) dispõe de apenas R\$100,00 para todas as despesas mensais, o que corresponde a 1,85 dólar/dia, valor muito próximo do índice de pobreza extrema estabelecido pelo Banco Mundial em 2011, cujo valor é de um dólar por dia. Essa condição é amenizada pela utilização dos recursos vegetais para suprir grande parte de suas necessidades básicas, principalmente alimentos e remédios para doenças mais corriqueiras, como parasitoses, problemas dos aparelhos digestório e respiratório.

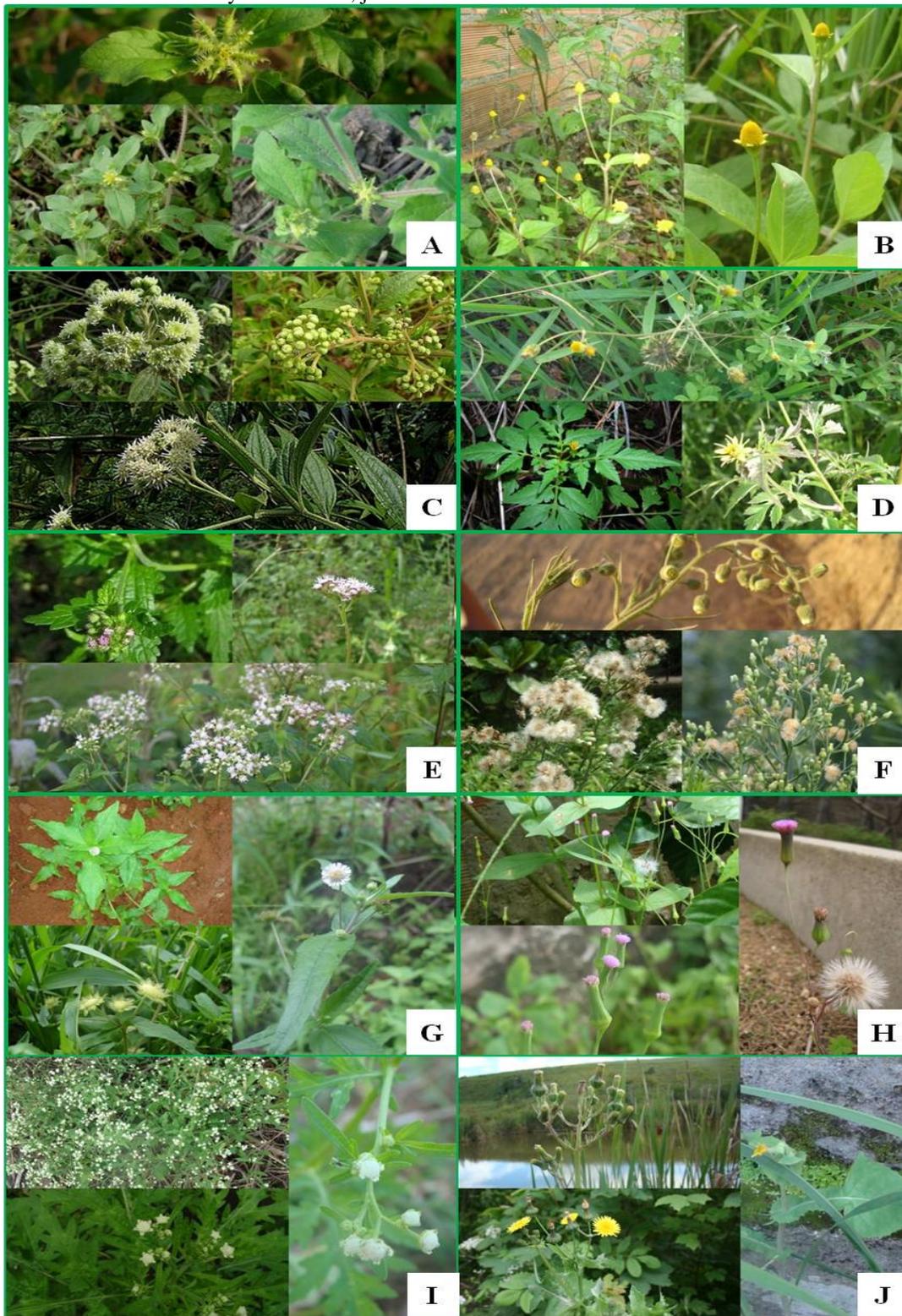
FIGURA 2: Renda familiar dos entrevistados do estudo etnobotânico realizado em quatro comunidades rurais do município de Camocim de São Félix, Pernambuco, Nordeste do Brasil.



A partir dos dados dos formulários semiestruturados, foram selecionadas as espécies de Asteraceae, juntamente com as dez espécies úteis reconhecidas através das fotografias apresentadas no momento das entrevistas (Fig. 3). Foram reconhecidas, no total, 19 espécies de Asteraceae citadas como uteis, destas, pouco mais da metade tem uso medicinal (57%), confirmando o grande potencial terapêutico da família frequentemente evidenciado em estudos etnobotânicos (Tab. 1).

***Acanthospermum hispidum* DC.** - Espécies nativa, citada por 17 entrevistadas, com idades variando dos 30 aos 65 anos, havendo entre elas uma agente comunitária, uma cozinheira, três donas-de-casa, três aposentadas e nove agricultoras, que indicaram o uso do

FIGURA 3: Dez espécies da família Asteraceae reconhecidas pelos moradores de Camocim de São Félix como úteis. **A.** *Acanthospermum hispidum* DC.; **B.** *Acmella uliginosa* (Sw.) Cass.; **C.** *Baccharis cinerea* DC.; **D.** *Bidens pilosa* L.; **E.** *Conocliniopsis prasiifolia* (DC.) R.M. King & H. Rob.; **F.** *Conyza bonariensis* (L.) Cronquist; **G.** *Eclipta prostrata* (L.) L.; **H.** *Emilia sonchifolia* (L.) DC.; **I.** *Parthenium hysterophorus* L.; **J.** *Sonchus oleraceus* L. Fotos: Aryêcha Arruda, janeiro a maio de 2009.



espinho-de-cigano contra asma, tosse, inflamação na garganta, odontalgia, problemas renais, inflamações gênitó-urinárias e como cicatrizante.

Albuquerque e Andrade (2002) verificaram o uso de espécies vegetais em outro município do Nordeste brasileiro, Alagoinha, onde *A. hispidum* também foi indicado no tratamento da tosse e da asma.

Araújo et al. (2008) revisaram a literatura sobre *A. hispidum*, no período de 1926-2006, nas áreas de etnobotânica, fitoquímica e farmacologia, e relataram a baixa toxicidade da espécie, apesar de alguns estudos evidenciarem toxicidade das sementes ingeridas por ratos (BAKHITA e ADAM, 1978b).

***Acmella uliginosa* (Sw.) Cass.** - Espécie nativa, conhecida na comunidade como agrião, foi indicada para o tratamento da inflamação na garganta, por uma entrevistada, cozinheira, de 65 anos, que indicou o chá das folhas, ou mastigar as inflorescências e em seguida engolir o sumo.

Ong et al. (2011) realizaram testes para avaliar a atividade antinociceptiva do extrato metanólico de *A. uliginosa*, o qual mostrou reposta significativa em todos os modelos químicos e de nonicepção térmica induzida; camundongos tratados com o extrato não mostraram alteração significativa de desempenho motor, nenhuma mortalidade e nem sinais de toxicidade após o tratamento.

***Baccharis cinerea* D.C.** - Trepadeira nativa e endêmica do Brasil, conhecida por cessa-furo, foi citada por uma agricultora, de 28 anos, como sendo útil no combate a tosse, enquanto que uma aposentada, de 65 anos, informou utilizá-la na ornamentação de jardins.

Seu sinônimo, *Baccharis trinervis*, foi citado como medicinal em trabalhos como Abad et al. (1999) que descreveram a atividade antiviral do extrato de *B. cinerea*, que inibiu em 100% a replicação do vírus de herpes simples tipo I (HVS-1); Citada para o tratamento de mordidas de serpentes, para dor de estomago, como antiséptico em infecções de pele e feridas, para câimbras musculares, para edemas, como lactogênico, para dores renais, inflamações, diarreia, reumatismo, dores no corpo, enfermidades hepáticas, para combater febre tifóide, hemorróidas, assim como para impotência sexual e esterilidade feminina, além de permitir a evacuação de cálculos biliares e é usada como purgante (MORTON, 1981; TORRES, 1995).

***Bidens pilosa* L.** - Espécie subespontânea, conhecida por picão ou evanço, foi citada por uma aposentada e duas agricultoras, com 35, 64 e 65 anos, que a indicaram para combater a asma, inflamações e problemas na pele, como dermatoses e alergias.

Bidens pilosa recebe diferentes nomes no Brasil, como cabeludo no Centro-Oeste, carrapicho de agulha no Nordeste, picão-da-praia no Sudeste e pico-pico no Sul, com indicações para o tratamento de malária, problemas hepáticos, diabetes, gonorreia, gases estomacais, disenteria, erisipela, problemas renais, hepatite, icterícia, hemorroida, reumatismo articular, alergia, anemia, brotoeja e como vermífugo (CASTELLUCCI et al., 2000; RODRIGUES e CARVALHO, 2001; MOREIRA et al., 2002; MEDEIROS et al., 2004; LIMA e SANTOS, 2006; SOUZA e FELFILI, 2006; NEGRELLE e FORNAZZARI, 2007; PEREIRA et al., 2009; SOUZA et al., 2010).

Em Porto Alegre - RS, Vendrusculo e Mentz (2006) verificaram que *B. pilosa*, conhecida popularmente por picão, foi indicada como antibiótico, anti-inflamatório, contra a congestão nasal, para afecções da garganta, infecção e inflamação nos ovários. Silva et al. (2009), em Indaial (SC), constataram que esta espécie, também conhecida como picão, era indicada como anti-inflamatório, analgésico, antiarterosclerose e antirreumático.

***Conocliniopsis prasiifolia* (DC.) R.M. King & H. Rob.** - O uso tópico das folhas *in natura* desta espécie, nativa Brasil, conhecida como mentrasto-roxo, foi relatado por apenas uma entrevistada, aposentada, de 52 anos, que a indicou para o tratamento de queratose, localmente denominada rachaduras dos pés. Este tipo de problema é ocasionado por fatores externos, como lesões provocadas por atrito com o solo (andar descalço) ou com calçados inadequados, ou internos, como falta de hidratação da pele ou envelhecimento natural do indivíduo, e não é relatado em outros estudos realizados junto a comunidades nordestinas.

Na sinopse de plantas conhecidas como medicinais e venenosas no Nordeste do Brasil, o chá das folhas desta espécie, citada como aleluia, é indicado para gripes e resfriados (AGRA et al., 2007).

Silva et al. (2005) investigaram a atividade biológica de folhas de *C. prasiifolia* coletadas na Paraíba e verificaram que o extrato etanólico apresenta efeito analgésico central e anti-inflamatório, com toxicidade aguda negativa.

***Conyza bonariensis* (L.) Cronquist** - Espécie nativa, conhecida na região como rabo-de-raposa, foi citada apenas por uma das entrevistadas, dona de casa, com 36 anos de idade, que a indicou para tratamento da micose superficial, popularmente denominada pano-branco. Em Pernambuco, é também indicada como antisséptica e para problemas oftalmológicos (TEIXEIRA e MELO, 2006).

A atividade antifúngica desta espécie é confirmada por Lima (1996), que demonstrou a atividade do óleo essencial, oriundo de toda a planta, sobre dermatófitos isolados de lesões de pacientes, inibindo o crescimento de 76% das 16 cepas testadas.

O uso tecnológico do rabo-de-raposa foi relatado apenas por uma agricultora, de 35 anos, que afirmou utilizar a planta toda como vassoura, para varrer a parte externa da casa, de modo semelhante ao que fazem com a vassourinha-de-botão (*Borreria verticillata* G. Meyer, Rubiaceae).

***Dahlia pinnata* Cav.** - A dália, espécie exótica e cultivada, foi a mais citada entre as plantas ornamentais, por sete mulheres, dentre elas donas-de-casa, aposentadas e agricultoras, com idades de 20 a 75 anos, que a utilizam no adorno de seus jardins.

Potenza et al. (2005) avaliaram os extratos aquosos, etanólicos e hexânicos das folhas de *D. pinnata* no controle do ácaro vermelho do café, *Oligonychus ilicis*, que apresentaram 54% de nos extratos etanólico e hexânico, porém o extrato aquoso não diferiu estatisticamente dos tratamentos controle.

***Eclipta prostrata* (L.) L.** - Espécie nativa, conhecida como vadora, foi citada por duas agricultoras (28 e 34 anos), que indicaram o uso de suas folhas como xarope (lambedor) para tratamento de gripe e como compressa morna em traumatismos causados por quedas ou pancadas (hematomas).

Esta espécie é muito citada como medicinal em inventários etnobotânicos e etnofarmacológicos, popularmente indicada para combater a gripe.

Brasileiro et al. (2006) avaliaram a atividade antimicrobiana e citotóxica de metabólitos presentes na parte aérea da planta (citada como *E. alba*) e relatam que o extrato

etanólico apresentou toxicidade as larvas de *Artemisia salina*, e atividade antimicrobiana contra *Staphylococcus aureus*.

***Egletes viscosa* Less.** - Espécie nativa que foi indicada por uma agricultora de 35 anos, que informou utilizar as inflorescências da macela na confecção de travesseiros artesanais, por causa do seu odor agradável.

Estudos desenvolvidos em outras comunidades nordestinas, como Alagoinha, Pernambuco, e Juazeiro, Bahia, indicaram sua utilização como medicinal no combate a problemas digestivos e estomacais (ALBUQUERQUE e ANDRADE, 2002; GOMES et al., 2008).

***Emilia sonchifolia* (L.) DC.** - A Emilia, espécie nativa, foi citada como comestível por uma dona-de-casa de 60 anos, que informou serem as folhas utilizadas em saladas.

A espécie é também conhecida em outras regiões do país como vassourinha, falsa-serralha, bela-emilia, pincel e serralhinha. Estudo realizado em Jupi – PE indicou seu uso medicinal para emagrecer, usando o chá de suas folhas (TEIXEIRA e MELO, 2006).

Muko e Ohiri (2000) testaram a propriedade anti-inflamatória do extrato aquoso e metanólico de *E. sonchifolia*, que reduziu progressivamente o edema de pata induzido, sendo que o extrato aquoso teve um melhor efeito do que o extrato metanólico. Shylesh e Padikkala (1999) verificaram a atividade antioxidante e anti-inflamatória do suco fresco e do extrato metanólico de *E. sonchifolia* que mostrou-se potente inibidor da formação de radicais livres *in vitro*, além de inibir o edema induzido por carragenina.

***Helianthus annuus* L.** - O girassol, espécie exótica e cultivada, foi indicado por uma aposentada de 54 anos, que a citou como útil no controle da epilepsia, utilizando o chá de suas sementes. Esta espécie foi citada por comerciantes de feiras livres do Vale do São Francisco e por moradores do município de Jupi –PE como analgésica (TEIXEIRA e MELO, 2006; GOMES et al., 2008).

***Lactuca sativa* L.** - A alface, espécie exótica e cultivada, foi a espécie com o maior número de citações (22), mencionada por um agricultor de 51 anos e 21 mulheres com diferentes atividades (agricultoras, aposentadas, donas-de-casa, agente comunitária, estudante

e cozinheira), com idades de 15 a 70 anos. Todos os informantes citaram a alface como espécie alimentícia, utilizada em saladas e cultivada na região.

Estudos realizados em Jataí – SP e Jupi – PE mostraram que o chá de suas folhas ou broto é popularmente utilizado como calmante (CASTELLUCCI et al., 2000; TEIXEIRA e MELO, 2006).

***Leucanthemum vulgare* Tourn. ex Lam** - A margarida, espécie exótica e cultivada, foi citada como ornamental por uma estudante (15 anos) e uma agricultora (37 anos). Segundo Silva e Bündchen (2011), *L. vulgare* (citada como *Chrysanthemum leucanthemum*) seria indicada medicinalmente contra a febre.

Cook (1869) informou que esta espécie seria tônica e antiespasmódica, sendo, em New York, um popular remédio familiar para resfriados recentes e a infusão de seus ramos facilitaria a respiração, e como tônico é indicado para depressão nervosa e histeria.

***Matricaria recutita* L.** - A camomila, uma espécie exótica, foi indicada como calmante por quatro agricultoras e uma dona-de-casa, com idades de 43 a 65 anos, que adquirem suas inflorescências através do comércio em feiras livres.

Esta mesma indicação pode ser verificada em diversas regiões do país, como em Jupi, agreste de Pernambuco, Natal e Santa Cruz, nas regiões litorânea e agreste do Rio Grande do Norte, e Indaial, no vale do Itajaí em Santa Catarina (TEIXEIRA e MELO, 2006; MOSCA e LOIOLA, 2009; SILVA et al., 2009). Em Ponta Porã – MS, ela ainda pode ser usada como antisséptico, antiinflamatório, irritação na garganta, nos olhos, para problemas digestivos e cólicas intestinais (PEREIRA et al., 2009).

***Parthenium hysterophorus* L.** - A vassourinha-de-relógio, espécie supespontânea, foi citada por 12 entrevistadas, entre elas agentes de saúde, agricultoras, donas-de-casa e aposentadas, com idade 20 a 75 anos, como sendo utilizada na confecção de vassouras naturais, para varrer os arredores das casas.

O decocto de *P. hysterophorus* é usado na medicina tradicional para o tratamento da febre, diarreia, disenteria, desordens neurológicas, malária e como emenagogo (ZAMORA-MARTÍNEZ e POLA, 1992; SURIB-FAKIM et al., 1996).

Narasimhan et al. (1984) realizaram estudos que comprovaram a toxicidade de *P. hysterothorus* em animais que a ingerem, além de ser alergênica de contato em humanos. Ramos et al. (2001) analisaram a atividade mutagênica em uma fração óleo-resina de *P. hysterothorus*, que não foi evidenciada no ensaio de mutação gênica reversa com *S. typhimurium* para o extrato bruto da espécie, este foi submetido a uma cromatografia em coluna, a qual rendeu várias frações das quais apenas uma foi fracamente mutagênica quando testada na linhagem TA98 de *S. typhimurium*, na presença de ativação metabólica.

***Sonchus oleraceus* L.** - Espécie nativa, citada por uma dona-de-casa, 42 anos, e uma agricultora, 64 anos, indicada contra tosse e dermatomicose conhecida como boqueira, a queilite angular caracterizada por inflamação, fissuração e maceração dos ângulos da boca.

Em Jataí – SP, Castellucci et al. (2000) verificaram que *S. oleraceus*, conhecida por serralha, foi indicada contra úlceras e anemia, enquanto que Vendrusculo e Mentez (2006) constataram que em Porto Alegre – RS, a espécie era conhecida como dente-de-leão e serralha, e indicada como antibiótico, antiinflamatório, no combate a diabete, e contra problemas digestivos, além de ser incluída na alimentação, em saladas.

Al-Hussaini e Mahasneh (2011) avaliaram a atividade antibacteriana e antifúngica da parte aérea de exemplares colhidos na Jordania e informam que o extrato etanólico mostrou moderada atividade contra bactérias gram-negativas, gram-positivas e fungos patogênicos filamentosos e não filamentosos.

Lima et al. (2009) realizaram a prospecção fitoquímica de *S. oleraceus* e sua toxicidade sobre o microcrustáceo *Artemia salina*, verificaram a ocorrência de saponinas e derivados terpênicos e esteroidais no extrato diclorometano. Os extratos aquoso e etanólico apresentaram açúcares redutores, compostos fenólicos, taninos, flavanóides e cumarinas, com exceção de cumarinas no etanólico. Já a fitotoxicidade em *A. salina* indicou baixa toxicidade do extrato-teste.

***Tagetes erecta* L.** - O cravo-branco ou cravo-de-defunto, espécie subespontânea, foi citado por uma aposentada de 76 anos como calmante e por uma dona-de-casa e uma agricultora, de 42 e 46 anos, como ornamental.

Em Jupi – PE, ela foi citada contra cardiopatias (TEIXEIRA e MELO, 2006). Estudos mostraram que *T. erecta* contém luteína, que possui ação antioxidante, reduz a degeneração muscular, além de inibir a atividade mutagênica (CHEW et al., 1996; MEJÍA et al., 1997; ALVES-RODRIGUES e SHAO, 2004). Marques et al. (2011) avaliaram a atividade do óleo essencial de *T. erecta* contra o *Aedes aegypti*, que foi ativo contra as larvas do mosquito, sendo mais eficientes se extraídos das raízes e flores.

***Vernonanthura condensata* (Baker) H. Rob.** - Uma espécie nativa, conhecida localmente por alcachofra, foi indicada por seis mulheres (duas aposentadas, duas donas-de-casa, uma agricultora e uma estudante), com idade variando de 15 a 75 anos, e um homem, agricultor de 47 anos, que indicaram para o tratamento de problemas hepáticos, enjoos e problemas digestivos.

Recebe muito nomes populares, conforme a região do país, como alcachofra, alumã e boldo-branco no nordeste, figatíl e sacaca no norte, boldo-folha-nina, assa-peixe e boldo-do-chile no sudeste e figatíl e boldo no sul. Em Ilhéus, na Bahia, esta espécie, conhecida localmente por alumã, é indicada para tratar de problemas digestivos e febres (MOREIRA et al., 2002). No Norte, em Rondônia, Lima e Santos (2006) verificaram seu uso para tratar de problemas hepáticos. No Sudeste, no Rio de Janeiro, Fonseca-Kruel e Peixoto (2004) verificaram que *V. condensata* (citada como *V. condensata*) foi indicada no tratamento de problemas digestivos. Pode ainda ser usada no tratamento de anemia, ferimentos, gripe e bronquite, insônia, micoses no controle da glicose e no asseio vaginal (MEDEIROS et al., 2004; MARTINS et al., 2005; TEIXEIRA e MELO, 2006; NEGRELLE e FORNAZZARI, 2007).

Risso *et al.* (2010) avaliaram a toxicidade aguda e o efeito antinociceptivo das folhas de *V. condensata* (citada como *V. condensata*), e constataram que seus diferentes extratos mostraram efeito antinociceptivo, porém concluíram que o extrato utilizado influencia tanto a atividade farmacológica, quanto a toxicidade aguda das folhas.

***Zinnia elegans* Jacq.** - A Benedita, uma espécie subespontânea, foi citada por uma aposentada de 60 anos, que a utiliza na ornamentação do jardim.

Carneiro et al. (2002) refere que a espécie é utilizada principalmente em paisagismo como bordaduras e maciços florais. *Z. elegans* também se destaca entre as espécies de maior

potencial de cultivo para flor de corte em vasos e visando a ornamentação (MENEZES et al., 2008).

A quantidade de espécies da família Asteraceae encontrada neste estudo pode ser considerada alta se comparada com pesquisas desenvolvidas no Nordeste. Teixeira e Melo (2006) levantaram as plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Agreste de Pernambuco, onde encontraram oito Asteraceae entre as 106 indicadas, sete delas registradas no presente estudo: *Matricaria recutita* e *Lactuca sativa*, indicadas como calmante; *Conyza bonariensis*, citada como antiséptica e para problemas estomacais; *Emilia sonchifolia*, usada para o emagrecimento; *Helianthus annuus*, indicada como analgésico; *Tagetes erecta*, indicada para cardiopatias; e *Vernonanthura condensata* (citada como *Vernonia condensata*), utilizada contra insônia.

Santos et al. (2009) estudaram as espécies úteis em áreas antropogênicas em uma comunidade rural de Altinho, agreste de Pernambuco, onde foram identificadas 79 espécies úteis distribuídas em 28 famílias. A família Asteraceae foi a terceira em número de espécies (8), e apenas *Acanthospermum hispidum* DC. coincidiu com o estudo em Camocim de São Félix, indicada como medicinal e forragem.

Gomes et al. (2008) levantaram as plantas medicinais indicadas em feiras livres em Petrolina, Pernambuco, Juazeiro e Santa-Sé, Bahia. Foram catalogadas 28 famílias e 53 espécies, sendo cinco de Asteraceae (9% do total) das quais três contidas no presente estudo: *Matricaria recutita* (citada como *M. chamomilla*), usada para os nervos; *Egletes viscosa*, usada para problemas estomacais e *Helianthus annuus*, usada para dores.

Oliveira et al. (2010) investigaram as espécies medicinais utilizadas em 21 comunidades rurais do município de Oeiras, Piauí, localizadas em áreas de transição vegetacional Caatinga/Cerrado, com predomínio da Caatinga, sendo registradas 167 etnoespécies, distribuídas em 59 famílias, onde a família Asteraceae foi representada por cinco espécies, enquanto que a família mais representativa teve 28 espécies. Dentre as Asteraceae três também foram citadas pelos moradores de Camocim de São Félix: *Acanthospermum hispidum*, indicada para pedra na vesícula e pneumonia; *Bidens pilosa*, indicada contra hepatite, icterícia e infecção urinária; e *Emilia sonchifolia*, indicada contra pancada.

Este número ainda pode ser considerado alto, se comparando com dados obtidos por Castellucci et al. (2000), que estudaram as plantas medicinais relatadas por moradores da Estação Ecológica de Jataí – SP, verificando a ocorrência de 13 espécies de Asteraceae entre 120 espécies medicinais. Silva et al. (2009) em um estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial – SC, verificaram 61 espécies, das quais 12 eram Asteraceae. Lima e Santos (2006) estudaram os aspectos Etnobotânicos da medicina popular no município de Buritis – RO, e identificaram nove espécies de Asteraceae, dentre as 71 espécies citadas.

O número de Asteraceae levantadas em Camocim de São Félix pode ser considerado semelhante ao encontrado na região Sudeste, onde Rodrigues e Carvalho (2001) investigaram as plantas medicinais utilizadas por moradores de comunidades rurais do Alto Rio Grande – MG, e identificaram 167 espécies, 20 delas da família Asteraceae. No Sul do país, Vendrusculo e Mentez (2006) fizeram o levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, em Porto Alegre – RS, onde relataram 150 espécies com utilidade medicinal, destas 23 pertencentes as Asteraceae.

Agradecimentos

Aos moradores de Camocim de São Félix, pela atenção e interesse em participar da pesquisa; ao Programa de Pós-graduação em Biologia Vegetal (PPGBV/UFPE) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

Referências Bibliográficas

Abad, M. J.; Bermejo, P.; Palomino, S. S.; Chiriboga, X.; Carrasco, L. Antiviral activity of some South American medicinal plants. **Phytotherapy Research**, v. 13, p. 142–146. 1999.

Agra, M. F.; Freitas, P. F.; Barbosa-Filho, J. M. Synopsis of the plants known as medicinal and poisonous in Northeast of Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 17, n.1, p. 114-140. 2007.

Albuquerque, U. P.; Andrade, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 16, n. 3, p. 273-285. 2002.

Albuquerque, U. P.; Hanazaki, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 16, p. 678-689. 2006.

Alves-Rodrigues, A.; Shao, A. The science behind lutein. **Toxicology letters**, v. 150, p. 57-83. 2004.

Alves, R. R. N.; Silva, A. A. G.; Souto, W. M. S.; Barboza, R. R. D. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 4, n. 2, p. 175-198. 2007.

Al-Hussaini, R.; Mahasneh, A. M. Antibacterial and antifungal activity of ethanol extract of different parts of medicinal plants in Jordan. **Jordan Journal of Pharmaceutical Sciences**, v. 4, n. 1, p. 57-68. 2011.

Araújo, E. L.; Randau, K. P.; Sena-Filho, J. G.; Pimentel, R. M. M.; Xavier, H. S. *Acanthospermum hispidum* DC (Asteraceae): perspectives for a phytotherapeutic product. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, p. 777-784. 2008.

Bakhita A, Adam S.E.I. Effects of *Acanthospermum hispidum* on goats. **Journal of Comparative Pathology**, v. 88, p. 533-544. 1978.

Banco mundial. Relatório sobre o desenvolvimento mundial 2000/2001. **Luta contra a pobreza**. Panorama Geral Banco Mundial Washington, D.C. 2001.

Barbosa, A. D.; Santos, M. R. A nova funcionalidade da agricultura no brejo de Camocim de São Félix in: Encontro Nacional de Geografia Agrária, 19, 2009, São Paulo. **Anais**. Pp. 1-26.

Beltrão, B.A; Mascarenhas, J. C.; Miranda, J. L. F.; Souza Junior, L. C.; Galvão, M. J. T. G.; Pereira, S. N. **Diagnóstico do município de Camocim de São Félix**. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea do Estado de Pernambuco. CPRM/PRODECEEM. 2005.

Brasileiro, B. G.; Pizziolo, V. R.; Raslan, D. S.; Jamal, C. M.; Silveira, D. Antimicrobial and cytotoxic activities screening of some brazilian medicinal plants used in Governador Valadares district. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêutica**, v. 42, n. 2, p. 195-202. 2006.

Carneiro, T. F.; Finger, F. L.; Santos, V. R.; Neves, L. L. M.; Barbosa, J. G. Influência da sacarose e do corte da base da haste na longevidade de inflorescências de *Zinnia elegans*. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 37, n. 8, p. 1065-1070. 2002.

Castellucci, S.; Lima, M. I. S.; Nordi, N.; Marques, J. G. W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, Município de Luís Antonio/SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 3, n. 1, p. 51-60. 2000.

Chew, B.P.; Wong, M.W.; Wong, T.S. Effects of lutein from marigold extract on immunity and growth of mammary tumors in mice. **Anticancer Research**, v. 16, p. 3689-3694. 1996.

Cook, W. H. **The physio-medical dispensatory: a treatise on therapeutics, materia medica, and pharmacy, in accordance with the principles of physiological medication**. Herbalism Journal. Wm. H. Cook. 1869.

Fonseca-Kruel, V. S.; Peixoto, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 1, p. 177-190. 2004.

Forzza, R.C.; Leitman, P.M.; Costa, A.F.; Carvalho JR., A.A.; Peixoto, A.L.; Walter, B.M.T.; Bicudo, C.; Zappi, D.; Costa, D.P.; Lleras, E.; Martinelli, G.; Lima, H.C.; Prado, J.; Stehmann, J.R.; Baumgratz, J.F.A.; Pirani, J.R.; Sylvestre, L.; Maia, L.C.; Lohmann, L.G.; Queiroz, L.P.; Silveira, M.; Coelho, M.N.; Mamede, M.C.; Bastos, M.N.C.; Morim, M.P.; Barbosa, M.R.; Menezes, M.; Hopkins, M.; Secco, R.; Cavalcanti, T.B.; Souza, V.C. 2010. Introdução. in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/>>. Acessado em: 15/01/2012.

Garcia, G. F. C. The mother – child nexus. Knowledge and valuation of wild food plants in Wayanad, Western Ghats, India. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 2, n. 39. 2006.

SILVA, A. A. 2012. Estudo etnobotânico da família Asteraceae em Camocim de São Félix, PE...

Gomes, E. C. S.; Barbosa, J.; Vilar, F. C. R.; Perez, J. O.; Vilar, C. R.; Freire, J. L. O.; Lima, A. N.; Dias, T. J. Plantas da caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico.

Engenharia Ambiental, v. 5, n. 2, p. 74-85. 2008.

Gotelli, N.J.; Entsminger, G.L. 2009. EcoSim: null models software for ecology. Acquired Intelligence Inc. & Kesity-Bear. Jericho, VT 05456. Disponível em:

<<http://www.garyentsminger.com/ecosim/index.htm>>. (Acessado em 19/03/11).

Hind, D. J. N. Notes on the Compositae of Bahia, Brasil. **Kew Bulletin**, v. 48, n. 2, p. 245-277. 1993.

Torres. **Plantas Medicinales Comunes de Honduras**. P.R. House *et al.* 1ª.edición.

Honduras. Litografía López S. de R.L. 1995. 555p

IBGE, 2010. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em:

<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acessado em: 15/04/2011.

Lima, E. O. **Estudo das dermatofitoses em João Pessoa – Paraíba e da atividade antifúngica de plantas medicinais da região contra alguns dos agentes isolados**. 1996.

Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Ciências Farmacêuticas. São Paulo. 1996.

Lima, J. M.; Silva, C. A.; Rosa, M. B.; Santos, J. B.; Oliveira, T. G.; Silva, M. B. Prospecção fitoquímica de *Sonchus oleraceus* e sua toxicidade sobre o microcrustáceo *Artemia salina*.

Planta Daninha, v. 27, n. 1, p. 7-11. 2009.

Lima, M. R.; Santos, M. R. A. Aspectos etnobotânicos da Medicina popular no Município de Buritis, Rondônia. **Revista Fitos**, v. 2, n. 2, p. 36-41. 2006.

Lorenzi, H.; Matos, F. J. A. 2002. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª Ed.

Nova Odessa: Instituto Plantarum. 2002. 544p.

Marques, M. M. M.; Morais, S. M.; Vieira, I. G. P.; Vieira, M. G. S.; Silva, A. R. A.;

Almeida, R. R.; Guedes, M. I. F. Larvicidal Activity of *Tagetes erecta* Against *Aedes aegypti*.

Journal of the American Mosquito Control Association, v. 27, n. 2, p. 156-158. 2011.

Martins, A. G.; Rosário, D. L.; Barros, M. N.; Jardim, M. A. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacologia**, v. 86, n. 1, p. 21-30. 2005.

Medeiros, M. F. T.; Fonseca, V. S.; Andreato, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 2, p. 391-399. 2004.

Mejía, E.G.; Loarca-Pina, G.; Ramos-Gómez, M. Antimutagenicity of xanthophylls in Aztec Marigold (*Tagetes erecta*) against 1-nitropyrene. **Mutation Research**, v. 389, p. 219-226. 1997.

Menezes, V. O.; Pedroso, D. C.; Muniz, M. F. B.; Bellé, R.; Blume, E.; Garcia, D. C. Envelhecimento acelerado em sementes de *Zinnia elegans* Jacq. colhidas em diferentes épocas. **Revista Brasileira de Sementes**, v. 30, n. 3, p. 039-047. 2008.

Monteiro, J. M.; Albuquerque, U. P.; Lins-Neto, E. M. F.; Araújo, E. L.; Amorim, E. L. C. Use patterns and knowledge of medicinal species among two rural communities in Brazil's semi-arid northeastern region. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 105, p. 173-186. 2006a.

Monteiro, J. M.; Almeida, C. F. C. B. R.; Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Florentino, A. T. N.; Oliveira, R. L. C. Use and traditional management of *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 2, n. 6. 2006b.

Moreira, R. C. T.; Costa, L. C. B.; Costa, R. C. S.; Rocha, E. A. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmcêutica Bonaerens**, v. 21, n. 3, p. 205-211. 2002.

Mori, S.A.; Silva, L.A.M.; Lisboa, G.; Coradin, L. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. Ilhéus, Centro de Pesquisa do Cacau. 1989.

Morton, J.f. Atlas of medicinal plants of middle America. Bahamas to Yucatan. Usa. Charles C. Thomas publisher. 1981. 1420 p.

- Mosca, P. V.; Loiola, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, v. 22, n. 4, p. 225-234. 2009.
- Muko, K. N.; Ohiri, F. C. A preliminary study on the anti-inflammatory properties of *Emilia sonchifolia* leaf extracts. **Fitoterapia**, v. 71, n. 1, p. 65-68. 2000.
- Narasimhan, T. R.; Murthy, B. S. K.; Harindranath, N.; Subba Rao, P. V. Characterization of a toxin from *Parthenium hysterophorus* and its mode of excretion in animals. **Journal of Bioscience and Bioengineering**, v. 6, n. 5, p. 729-738. 1984.
- Negrelle, R. R. B.; Fornazzari, K. R. C. 2007. Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guaratuba (Paraná, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 9, n. 2, p. 36-54. 2007
- Oliveira, F. C. S.; Barros, R. F. M.; Moita Neto, J. M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 12, n. 3, p. 282-301. 2010.
- Ong, H. M.; Mohamad, A. S.; Makhtar, N. A.; Mohamad, H. K.; Khalid, S.; Perimal, E. K.; Mastuki, S. N.; Zakaria, Z. A.; Lajis, N.; Israf, D. A.; Sulaiman, M. R. Antinociceptive activity of methanolic extract of *Acmella uliginosa* (Sw.) Cass. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 133, p. 227-233. 2011.
- Pereira, R. C. A. **Revisão taxonômica do gênero *Ichthyothere* Mart. (Heleiantheae – Asteraceae)**. Tese (Doutorado em Botânica). Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2001
- Pereira, Z. V.; Mussury, R. M.; Almeida, A. B.; Sangalli, A. Medicinal plants used by Ponta Porã community, Mato Grosso do Sul State. **Acta Scientiarum Biological Sciences**, v. 31, n. 3, p. 293-299. 2009.
- Potenza, M. R.; Takematsu, A. P.; Jocys, T.; Felicio, J. D. F.; Rossi, M. H.; Sakita, M. N. Avaliação acaricida de produtos naturais para o controle de ácaro vermelho do cafeeiro *Oligonychus ilicis* (Mcgregor) (Acari: Tetranychidae). **Arquivo do Instituto Biológico**, v. 72, n. 4, p. 499-503. 2005.

Ramos, A.; Rivero, R.; Victoria, M. C.; Visozo, A.; Piloto, J.; Garcia, A. Assessment of mutagenicity in *Parthenium hysterophorus* L. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 77, p. 25-30. 2001.

Risso, W. E.; Scarminio, I. S.; Moreira, E. G. Antinociceptive and acute toxicity evaluation of *Vernonia condensata* Baker leaves extracted with different solvents and their mixtures. **Indian Journal of Experimental Biology**, v. 48, p. 811-816. 2010.

Rodrigues, V. E. G.; Carvalho, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do Cerrado na região do Alto Rio Grande – Minas Gerais. **Ciência Agrotecnologica**, v. 25, n. 1, p. 102-123. 2001.

Santos, L. L.; Ramos, M. A.; Silva, S. I.; Sales, M. F.; Albuquerque, U. P. Caatinga ethnobotany: anthropogenic landscape modification and useful species in Brazil's Semi-Arid Northeast. **Economic Botany**, v. 63, n. 4, p. 363–374. 2009.

Shylesh, B. S.; Padikkala, J. Antioxidant and anti-inflammatory activity of *Emilia sonchifolia*. **Fitoterapia**, v. 70, n. 3, p. 275-278. 1999.

Silva, A. B.; Rezende, S. B.; Souza, A. R.; Resende, M.; Leite, A. P. Uso de agrotóxicos no sistema de produção de hortaliças no município de Camocim de São Félix, Pernambuco. **Embrapa Solos. Boletim de Pesquisa**, n. 6. 1999.

Silva, J. A.; Bündchen, M. Conhecimento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Bairro Cidade Alta, município de Videira, Santa Catarina, Brasil. **Unoesc & Ciência**, v. 2, n. 2, p. 129-140. 2011.

Silva, M. D.; Dreveck, S.; Zeni, A. L. B. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. **Revista Saúde e Ambiente**, v. 10, n. 2, p. 54-64. 2009.

Silva, M. G.; Oliveira, F. S.; Quintans-Júnior, L. J.; Oliveira, T. M. L.; Diniz, F. F. M. Investigação do efeito analgésico central e antiinflamatório de *Conocliniopsis prasiifolia* (DC) R. M. King & H. Robinson em Roedores. **Acta Farmacologica Bonariense**, v. 24, n. 4, p. 533-537. 2005.

Souza, C. D.; Felfili, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 1, p. 135-142. 2006.

Souza, M. J. M.; Moral, F. F.; Nascimento, G. N. L.; Soares, N. P.; Aversi-Ferreira, T. A. Medicinal plants used by Itamaraty community nearby Anápolis, Goiás State, Brazil. **Acta Scientiarum. Biological Sciences**, v. 32, n. 2, p. 177-184. 2010.

Souza, V. C.; Lorenzi, H. **Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II**. 2. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum. 2008.

Surib-Fakim, A.; Swerab, M. D.; Gueho, J.; Dullo, E. Medicinal plants of Rodrigues. **International Journal of Pharmacognosy**, v. 34, p. 2-14. 1996.

Teixeira, S. A.; Melo, J. I. M. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. **Iheringia, Série Botânica**, v. 61, n.1-2, p. 5-11. 2006.

Vendruscolo, G. S.; Mentz, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia, Série botânica**, v. 61, n. 1-2, p. 83-103. 2006.

Vitto, L. A.; Petenatti, E. M. Asteráceas de importancia económica y ambiental. Primera parte. Sinopsis morfológica y taxonómica, importancia ecológica y plantas de interés industrial. **Multequina**, v. 18, p. 87-115. 2009.

Zamora-Martinez, M.C.; Pola, C.N.D. Medicinal plants used in some rural populations of Oaxaca, Puebla and Veracruz, Mexico. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 35, n. 3, p. 229-57. 1992.

6. Tabelas

TABELA 1: Asteraceae citadas como úteis pelos habitantes de quatro comunidades rurais de Camocim de São Félix - PE, Nordeste do Brasil. Categorias de uso:

MED- Medicinal; ORN- Ornamental; TEC- Tecnológica; ART- Artesanato; ALI- Alimentícia.

Espécie	Nome vernacular	Categoria de uso	Citações	Indicação terapêutica	Parte da planta	Forma de uso
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho-de-cigano	MED	17	Asma, tosse, inflamação na garganta, odontalgia, cicatrizante, Problemas renais, inflamações genito-urinárias	Raiz, fruto	Chá, lambedor, banho, gargarejo
<i>Acmella uliginosa</i> (Sw.) Cass.	Agrião	MED	1	Inflamação na garganta	Folha, inflorescência	Chá, mastiga e engole
<i>Baccharis cinerea</i> DC.	Cessa-furo	MED, ORN	2	Tosse	Folha	Chá
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão, evanço	MED	3	Asma, inflamação, dermatoses	Folha	Chá, banho
<i>Conocliniopsis prasiifolia</i> (DC.) R.M. King & H. Rob.	Mentrasto-roxo	MED	1	Queratose (rachadura no pé)	Folha	Machuca e esfrega
<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Rabo-de-raposa	MED, TEC	2	Dermatomicose (pano-branco)	Folha, inflorescência	Macera e mistura em uma substância alcoólica
<i>Dahlia pinnata</i> Cav.	Dália	ORN	7	-	Inflorescência	Canteiros e jardins
<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L.	Vamora	MED	2	Gripe, hematoma	Folha	Lambedor, morna e põe no hematoma
<i>Egletes viscosa</i> Less.	Macela	ART	1	-	Inflorescências	Travesseiros artesanais
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC.	Emilia	ALI	1	-	Folha	Come-se as folhas em saladas
<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	MED	1	Epilepsia	Semente	Chá
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	ALI	22	-	Folha	Salada
<i>Leucanthemum vulgare</i> Tourn. ex Lam	Margarida	ORN	2	-	Inflorescência	Canteiros e jardins
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	MED	5	Calmanete	Folha, inflorescência	Chá
<i>Parthenium hysterophorus</i> L.	Vassourinha-de-relógio	TEC	12	-	Planta toda	Varrer
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Gogo-de-ema	MED	2	Tosse, queilite angular (boqueira)	Raiz, látex	Lambedor, uso direto
<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo-branco, cravo-de-defunto	MED, ORN	1	Calmanete	Inflorescência	Chá
<i>Vernonanthura condensata</i> (Baker) H. Rob.	Alcachofra	MED	7	Problemas hepáticos, enjôo, problemas digestivos	Folha	Chá
<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	Benedita	ORN	1	-	Inflorescência	Canteiros e jardins

CONCLUSÕES

As comunidades rurais de Camocim de São Félix conhecem muitas espécies vegetais, as quais são utilizadas no seu cotidiano para suprir necessidades, como alimentação, terapêutica caseira, ornamentação, tecnologias, rituais místicos, entre outros.

A maioria pertence à família Asteraceae, cujas espécies são úteis principalmente no tratamento doenças, embora elas também sejam úteis na alimentação, na ornamentação, no artesanato e na tecnologia.

Embora a vegetação do município seja diversificada, com espécies de caatinga e de Brejo de altitude, os entrevistados mostraram mais interesse em espécies exóticas, como *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf., *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. e *Citrus sinensis* (L.) Osbeck.

RESUMO

As comunidades rurais de Camocim de São Félix mostraram um diversificado conhecimento sobre as espécies vegetais encontradas na região, sendo elas nativas, subespontâneas ou exóticas cultivadas. Os 50 entrevistados citaram 214 espécies úteis classificadas em diferentes etnocategorias: medicinal (122), alimentícia (74), ornamental (54), tecnológica (21), místico (13) e outras (7). A família Asteraceae teve posição de destaque no estudo, apresentando maior número de espécies (19) seguida por Fabaceae (14), Lamiaceae (13) Cucurbitaceae/Myrtaceae (8). *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. foi a espécie mais citada pelos entrevistados (40), mostrando sua importância para as comunidades. O Fator de Consenso dos Informantes (FCI) mostrou que os entrevistados tem maior concordância para espécies usadas para tratamento de doenças do aparelho digestivo. Entre as medicinais *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. mostrou-se mais importante na comunidade, com o IR = 2, enquanto que *Lippia alba* foi a espécie para a qual os entrevistados concordaram mais com sua utilidade. *Citrus sinensis* (L.) Osbeck, apesar de exótica, foi a espécie com o maior significado cultural. O uso medicinal se destaca entre as 19 Asteraceae, com 12 espécies, outros usos citados foram: ornamental (6), alimentício (2), tecnológico (2) e artesanal (1). *Acanthospermum hispidum* DC. foi a planta mais citada como medicinal, indicada para o tratamento de problemas respiratórios, infecções, doenças renais e odontalgias, e *Lactuca sativa* L., espécie cultivada, destacou-se entre as alimentícias e *Dahlia pinnata* Cav. foi a mais citada como ornamental.

ABSTRACT

The rural communities of Camocim de São Félix showed a diversified knowledge of native, sub-spontaneous, exotic or cultivated species of the region. The 50 interviewed mentioned 214 useful species classified in different ethnocategories: medical (122), food (74), ornamental (54), technology (21), mystic (13) and others (7). The Asteraceae family had an outstanding position in the study with a larger number of species (19) followed by Fabaceae (14), Lamiaceae (13), Cucurbitaceae/Myrtaceae (8). *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. was the most mentioned by interviewed (40), proving its importance in the daily life of communities. The Informant Consensus Factor (FCI) showed that most interviewed agreed with the species used to treat digestive diseases. Among the medical plants *Cymbopogon citrates* (DC.) Stapf. is the most important in the community (IR=2), while *Lippia alba* is the species considered for its utility. *Citrus sinensis* (L.) Osbeck, although an exotic one, was the species with the highest cultural significance. The medical use is outstanding among the 19 Asteraceae with 12 species; other uses were: ornamental (6), food (2), technology (2) and craft (1). *Acanthospermum hispidum* DC. was the most frequently mentioned as medicinal plant, indicated for the treatment of respiratory problems, infections, kidney disease and toothache and *Lactuca sativa* L., stood out among the food and *Dahlia pinnata* Cav. was the most mentioned for ornamental purpose.

ANEXO**Termo de Consentimento para os entrevistados**

Nome do Responsável: _____

O estudo de que você está prestes a participar é parte de uma série de estudos sobre o conhecimento que você tem e o uso que você faz das plantas de sua região seja e não visa nenhum benefício econômico para os pesquisadores ou qualquer outra pessoa ou instituição. É um estudo que está sendo coordenado pelo Laboratório de Etnobotânica e Botânica Aplicada da Universidade Federal de Pernambuco. O estudo emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, bem como observações diretas, sem riscos de causar prejuízo aos participantes, exceto um possível constrangimento com as nossas perguntas ou presença. Caso você concorde em tomar parte nesse estudo, será convidado a participar de entrevistas, listar as plantas que você conhece e usa da região, ajudar os pesquisadores a coletar essas plantas, mostrar, se for o caso, como você as usa no seu dia a dia. Todos os dados coletados com sua participação serão organizados de modo a proteger a sua identidade. Concluído o estudo, não haverá maneira de relacionar seu nome com as informações que você nos forneceu. Qualquer informação sobre os resultados do estudo lhe será fornecida quando este estiver concluído. Você tem total liberdade para se retirar do estudo a qualquer momento. Caso concorde em participar, assine, por favor, seu nome abaixo, indicando que leu e compreendeu a natureza do estudo e que todas as suas dúvidas foram esclarecidas.

Data: ___/___/___

Assinatura do participante ou impressão dactiloscópica

Nome: _____

Endereço: _____

Assinatura do(s) pesquisador(es): _____

Questionário Socioeconômico**Entrevista N.º** _____ **Data** ___/___/___**Nome:** _____ **Idade:** _____**Sexo:** () M () F **Estado civil:** () Solteiro; () Casado; () Viúvo; () Separado;**Local de Nascimento:** _____**Tempo que mora na localidade:** _____**Ocupação:** _____**Grau de escolaridade:** () Não sabe ler; () Fundamental: _____; () Segundo Grau: _____; () Superior – Curso: _____.**Nº de residentes:** Crianças: _____; Adultos: _____; Homens: _____; Mulheres: _____.**Renda Familiar:** _____; Pessoas com renda: _____.**Como adquiriu conhecimento:** () Familiares; () Pessoas da comunidade;

() Mídia; () Outros: _____.

Quais plantas utilizadas para ornamentação?

Quais plantas você utiliza para outros fins: construção, artesanatos, místico-religioso, madeiras, combustíveis, instrumentos de trabalho, uso doméstico, forragens, fibras, venenos, borrachas, estimulantes, inseticidas, fertilizantes, colorantes, aromatizantes, taninos, base para goma de mascar, saponíferas, azeites, vernizes e celuloses, melíferas, sombra, e cerca viva?

Questionário para as Asteraceae**Asteraceae****Você conhece estas plantas?**

Nº	Nome Comum	Descrição do uso
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		
25		
26		
27		

Normas de publicação do Periódico*Acta Botanica Brasilica*

<http://acta.botanica.org.br/index.php/acta/about/submissions#authorGuidelines>

Biotemas

<http://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/about/submissions#authorGuidelines>